

REP

EXCLUSIVO

O extraordinário êxito dos cientistas e técnicos soviéticos com o lançamento do Lunik III, revela que já estão resolvidos os últimos problemas ligados ao vôo do homem ao Cosmos. Tudo indica que, mais cedo mesmo do que se esperava, a primeira nave sideral (na foto ao lado, concepção de um desses veículos do espaço-cosmos com seu tripulante) realizará a fantástica viagem ao luar que serão realizados todos os estudos necessários a que seja garantido, conforme declarou Kruschiov nos Estados Unidos, o regresso seguro do astronauta à Terra. E os cientistas soviéticos no momento se empenham (veja noticiário e fotos da Agência Tass na última página, exclusivas para NOVOS RUMOS) no treinamento cuidadoso de cães para a viagem (de ida e volta) à Lua.

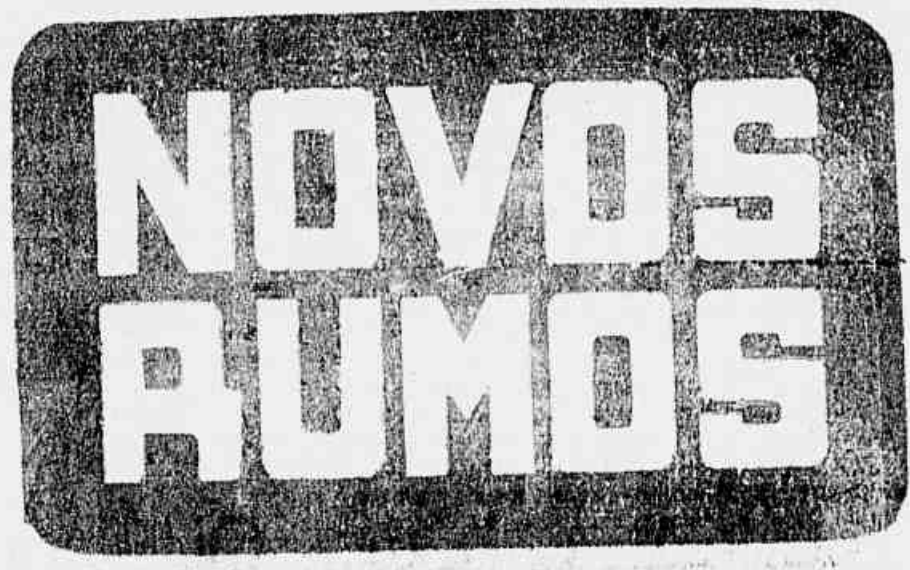


Nave Cósmica Soviética

ANO I — RIO, SEMANA DE 9 A 15 DE OUTUBRO DE 1959 — N.º 33

FOI À LUA E VOLTOU!

(TEXTO NA 2.ª PAGINA)



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

NACIONALISTAS VENCEM EM SÃO PAULO

SÃO PAULO (Do Correspondente) — Os resultados parciais das eleições municipais realizadas nesta cidade e em mais 369 municípios, assinalam expressiva vitória dos candidatos da Frente Democrática e Nacionalista. As contradições locais não permitiram a unificação das forças situacionistas na maioria dos municípios onde foram realizadas eleições, apesar da pressão exercida pelo Governo e o sr. Jânio Quadros.

Os candidatos apoiados pelos comunistas e outras forças progressistas estão vencendo em importantes cidades como Campinas, Santo André, São Bernardo, Ribeirão Preto, Botucatu, Araçatuba, Marília, Jau, Mogi das Cruzes, Santo Anastácio, Batatais, Andradina, Presidente Wenceslau, Taubaté e São Roque. Já estão eleitos dezenas de vereadores apoiados pelos comunistas.

Nesta Capital, as forças janistas estão sendo fragorosamente derrotadas. Entre os candidatos a vereador mais votados, encontram-se justamente aqueles candidatos que tiveram, inicialmente os seus registros negados sob a acusação de comunistas: Mário Câmara, Rio Branco Farambes, João Louzada e Matilde Carvalho.



Padre Católico DEU AULA SOBRE SENTIDO ETERNO DO MARXISMO

(LEIA, NA 10.ª PAGINA, OS PRINCIPAIS TRECHOS DA CONFERÊNCIA PRONUNCIADA PELO PADRE HUMBERTO CAVALCANTI NA FACULDADE DE FILOSOFIA DE ALAGOAS)

FRIGORÍFICOS SÓ OBEDECEM AO GOVERNO AMERICANO

(11.ª página)

GOVERNO PROTEJE LADRÕES DA CAPFESP

(5.ª página)



CHINA: DEZ ANOS DE SOCIALISMO

Com gigantescas manifestações o povo chinês festejou o décimo aniversário da criação da República Popular. Nesses dez anos de socialismo, mudou a face da China milenar. Hoje, o velho país do Oriente se converte numa grande potência industrial e o seu povo, antes oprimido e faminto, ingressa numa nova vida, livre e próspera, a vida do socialismo. A foto, distribuída pela agência Atlântica News, é de manifestações populares na praça Tienanmen. (Noticiário na Segunda Página).

O BOI PELOS CHIFRES

Intervindo acintosamente nos assuntos internos do Brasil, o governo dos Estados Unidos mandou dizer ao presidente Kubitschek, através do embaixador brasileiro em Washington, que não admite a intervenção dos órgãos do abastecimento nos frigoríficos estrangeiros. Dias atrás, já os embaixadores dos Estados Unidos e da Inglaterra em nosso país haviam protestado junto ao Itamarati contra as medidas de intervenção planejadas pelo general Ururai Magalhães a fim de normalizar o mercado da carne. Não pode haver exemplo mais claro e humilhante de violação de nossa soberania. A exploração econômica do povo brasileiro pelos trustes é agora assegurada ostensivamente, por via diplomática.

Os quatro grandes frigoríficos que operam no Brasil — Wilson, Armour, Swift e Anglo — são iniludivelmente os principais responsáveis pela crise do abastecimento da carne. Dispondo de vastos extensões de terra, mantêm grandes invernações que lhes permitem influir decisivamente na formação dos preços do gado. São também os monopolistas da distribuição, controlando mais de dois terços dos fornecimentos nos mercados do Rio e de São Paulo. Com a faca e o queijo na mão, promovem a seu bel prazer a manobra da sonegação para forçar o aumento dos preços. Estomam o povo para obter lucros ainda maiores.

Esta manobra criminoso vinha se repetindo periodicamente, sem que os frigoríficos encontrassem resistência séria. Desta vez, porém, a situação mudou. Os protestos populares contra a carestia obrigaram o governo a demitir o famigerado Mindello e a nomear para a COFAP o general Ururai que se dispôs a pegar o boi pelos chifres e ameaçou com a intervenção os monopolistas da carne. Acusados contra a parede alegam os frigoríficos que a escassez de gado exige a elevação dos preços. Entretanto, o argumento da falta de reses para abate acaba de ser desmascarado. Mal a COFAP fez a ameaça de intervenção, o governo americano instruiu os frigoríficos no sentido de restabelecerem o abastecimento de carne, como concessão temporária para «amaciar» as autoridades do abastecimento. O resultado é que, num dia apenas, os frigoríficos entregaram 500 toneladas de carne aos açougues do Rio.

Para combater os açambarcadores da carne não pode o governo limitar-se a medidas nem a soluções provisórias. O abastecimento de um produto vital para o povo não deve continuar nas garras de vorazes monopolistas estrangeiros. A solução urgente é a intervenção nos frigoríficos, como passo inicial para a sua nacionalização. Está travada a batalha das forças nacionalistas e populares contra mais um poderoso grupo monopolista, que conta com a proteção aberta e descarada de Mr. Cabot e do próprio Departamento de Estado. Agarrar este boi pelos chifres não é apenas uma reivindicação do estômago. Tornou-se uma questão de honra nacional.

Delegações Do Mundo Inteiro Nas Festas Da República Popular Da China

A República Popular da China comemorou festivamente a 1ª de outubro o décimo aniversário de sua fundação.

Em Pequim, reuniram-se delegações de quase todos os países do mundo: delegações sindicais, culturais, das numerosas sociedades de amizade com a China, existentes em muitos países. Estiveram presentes também representantes de mais de 60 Partidos, Comunistas e Operários de todos os Continentes inclusive uma numerosa delegação do Partido Comunista da União Soviética, chefiada por Súslov.

Às vésperas da grande festa chegou à Capital chinesa o Presidente do Conselho de Ministros da União Soviética, Nikita Kruschiov, que acabava de regressar de sua visita aos Estados Unidos.

Pela primeira vez, compareceu legalmente às festas comemorativas da Revolução chinesa um dirigente comunista brasileiro: Luís Carlos Prestes.

PARADA MILITAR E DESFILE POPULAR

Os festejos do décimo aniversário da República Popular da China se prolongaram por vários dias e estenderam-se a todo o País. Não só em Pequim, mas também em Nanquim, Xangai, Cantão, Hanchow e outras das principais cidades tiveram lugar solenidades e festas assinalando o grande feito histórico do povo chinês.

Mas foi em Pequim, a capital tradicional da velha China, que as comemorações tiveram um brilho excepcional, deslumbrando até mesmo jornalistas estrangeiros habituados a festejos semelhantes em outros países, particularmente na União Soviética.

A data de 1º de outubro foi marcada em Pequim com uma grande parada militar, a maior desde a fundação da República Popular. Nessa parada, a nova China mostrou, através de seu preparativo defensivo, o crescimento de sua potência econômica, particularmente industrial. A China apareceu não como o país dividido, pobre, impotente do regime feudal-burguês anterior a 1949, mas como uma nação renovada, que pesa cada vez mais decididamente nos assuntos internacionais.

Um correspondente norte-americano, Christopher Dosson, que se encontrava em Pequim, não oculta sua admiração pelas realizações da República Popular da China neste breve período de 10 anos. Ante seus olhos passaram os tanques de guerra, os carros anfíbios, os aviões militares a jato, do último modelo — tudo construído na China.

Este material moderno presuppõe a existência de uma indústria metalúrgica já importante, de uma indústria mecânica que não pode ser subestimada, de cientistas, engenheiros, mão-de-obra técnica que jamais surgiram tão rapidamente em qualquer país capitalista. São um testemunho de quanto pode uma organização econômica e social socialista.

O NOVO HOMEM

Dosson confessa ter assistido há dez anos às festas da vitória da Revolução, na mesma Pequim onde esteve agora. E escreve:

«As diversas unidades militares desfilavam com garbo e precisão impressionantes — especialmente para quem assistiu ao desfile organizado em Pequim há dez anos, quando os guerrilheiros mal ajambrados de Mao Tse-Tung cruzaram a Capital, seguidos por cavaleiros mongóis que mal controlavam seus cavalos quase selvagens.

«Agora, acrescenta o correspondente americano da UPI, a guarda de honra marchou a passo de ganso. As unidades militares apresentadas deram-nos a impressão de serem modernas e poderosas».

Mas o homem novo não estava apenas nas unidades militares que salvaguardam o trabalho pacífico do grande povo chinês na construção de uma nova vida. Encontrava-se principalmente na massa imensa de 700 mil pessoas que desfilaram cantando, dançando ao som de músicas e de inumeráveis bandes de tambores coloridos e de múltiplos formatos, carregando balões multicores, dragões gigantescos de borracha.

O desfile civil era precedido por crianças, aos milhares, seguidas de camponeses e operários, empurrando grandes carros alegóricos, simbolizando suas atividades em cada setor da produção. Desfilou toda uma «Comuna Popular» camponesa, inclusive sua milícia de trabalhadores armados. Estas representações eram intercaladas de bandes de tambores e pifaros, executando as músicas de cada região de onde procediam.

Participaram do desfile, com seus trajes típicos representantes das minorias nacionais chinesas: mongóis, tibetanos, delegados de tribos que antes da Revolução viviam uma vida de servos ou escravos dos grandes latifundiários

e dos chamados «senhores de guerra», os chefes militares locais, verdadeiros príncipes medievais, que hoje são apenas uma reminiscência histórica da «velha China».

Da correspondência de Dosson, a que nos referimos inicialmente, é digno de destaque este trecho:

«Os «capitalistas reformados» marchavam num grupo especial. Eles são os industriais cujos estabelecimentos foram nacionalizados pelo governo, mas que continuam a receber 5% do valor de suas propriedades, durante cinco anos. Monges budistas passaram também, envolvidos em suas túnicas cor de açafrão. Assim também, para nossa estupefação, passaram em frente ao palanque freiras católicas com seus hábitos negros».

A GRANDE FORÇA DA NOVA CHINA

A esta simples descrição, a imagem que se tem da nova China, da China que constrói aceleradamente o socialismo, é de uma unidade perfeita como jamais existiu em toda a sua história milenar. Esta uma das grandes vitórias do regime socialista: ter pôsto termo, neste breve prazo histórico, à divisão secular que minava o gigantesco organismo da China, tornando-a presa fácil dos imperialistas estrangeiros. Esta unidade é hoje o melhor penhor da fortaleza da China Popular. Graças a ela é possível levar a cabo neste grande país de mais de 10 milhões de quilômetros quadrados um plano econômico único, objetivando transformá-lo numa das principais potências mundiais.

Este o «milagre» que só o socialismo poderia realizar e que assegura a marcha ascendente do povo chinês para um futuro de felicidade e bem-estar.

A China que os governantes reacionários de alguns países pretendem desconhecer é a China que se impõe na arena mundial, em plena realização de seu segundo Plano de fomento econômico, e que a levará, dentro de alguns anos, a superar uma das principais potências capitalistas, a Inglaterra. É a China das Comunas Populares que coram a reforma agrária empreendida pelo regime socialista para transformar a agricultura chinesa numa agricultura socialista. É a China que se industrializa rapidamente e que antes da Revolução produzia 400 mil toneladas de aço e hoje produz cerca de 10 milhões, num salto jamais conseguido por qualquer país capitalista. É a China onde a milenar cultura chinesa se funde e revigora no sopro da doutrina marxista.

Esta a nova China, que ingressa no seu décimo-primeiro ano de existência, depositária da confiança dos povos coloniais e semicolônias, dos quais ela será, cada vez mais, uma força que pensará em favor de suas lutas pela independência e a liberdade.

KRUSCHIOV EM PEQUIM:

CONSEGUIR UMA SITUAÇÃO EM QUE A PAZ SEJA GARANTIDA

Ao chegar a Pequim, procedente de Moscou, o Presidente do Conselho de Ministros da URSS e Primeiro Secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, Kruschiov, pronunciou um breve discurso no aeródromo da capital chinesa, no qual disse, entre outras coisas:

«Nossos partidos estiveram unidos nos momentos mais difíceis, marchamos juntos para nosso grande objetivo e nos encontramos juntos ao concluímos a edificação da sociedade comunista, que coroará os esforços comuns dos povos para transformar revolucionariamente a sociedade».

Referindo-se à sua recente viagem aos Estados Unidos, o chefe do governo da URSS disse:

«Minha viagem aos Estados Unidos da América e as conversações que mantive foram úteis e deverão, sem dúvida, conduzir ao melhoramento das relações entre nossos países e ao alívio da tensão internacional. É necessário tudo fazer para purificar realmente a atmosfera e criar condições propícias à amizade entre os povos. Unindo todos

os nossos esforços, devemos conseguir uma situação tal que a paz seja garantida no mundo».

Krushiov acrescentou: «Devemos pensar em termos realistas e compreender bem a situação atual. O fato de sermos fortes, como somos, não significa absolutamente que devam experimentar pela força a estabilidade do regime capitalista. Isto não será razoável: os povos não compreenderão aqueles que pensarem agir dessa maneira».

«Os marxistas — prosseguiu Kruschiov — não reconhecem como justas senão as guerras de libertação e condenam as guerras de conquista, as guerras imperialistas. Não necessitamos de guerras em geral. Não se pode impor pela força das armas, quando o povo não o quer, mesmo um regime tão nobre e tão progressista como o socialismo. Não é senão pelo exemplo que o socialismo ilumina o coração dos homens. Somente o povo decide em que momento seu país deve empreender o caminho do socialismo».



Todos os anos a cena se repete. Centenas de milhares de pessoas desfilam pelas ruas de Pequim, comemorando, em meio à mais esufuzante alegria, a vitória do Exército Popular de Libertação, a 1.ª de outubro de 1949, vitória que modificou totalmente a vida chinesa, abrindo caminho à felicidade de 650 milhões de seres. A frente das forças libertadoras, como agora à frente dos esforços pacíficos de edificação socialista, destacou-se Mao Tse-Tung, o grande líder de todas as nacionalidades da China. A foto apresentamos um flagrante das comemorações do X Aniversário da Revolução, vendo-se Mao Tse-Tung acenar para os manifestantes que desfilam na Praça Tiananmen.

Um Homem (Mao) Estimado Por Milhões

China e URSS: Aliança e Amizade Inquebrantáveis

A primeira grande solenidade oficial comemorativa do 10.º aniversário da fundação da República Popular da China teve lugar em Pequim no dia 28 de setembro. Precisamente no mesmo dia, em 1949, era desfilada na antiga capital da China a bandeira vermelha das 5 estrelas. Era um símbolo da vitória final de mais de 20 anos de guerra civil e lutas revolucionárias da classe operária e do campesinato chinês contra a reação interna e contra o domínio estrangeiro. A classe operária mundial podia orgulhar-se de sua maior vitória em âmbito internacional depois da Revolução socialista de outubro na Rússia de 1917.

Os dez anos transcorridos da vitória da Revolução chinesa foram um gigantesco passo à frente de todo o campo do socialismo. O seu fortalecimento significou o fortalecimento do movimento operário e comunista mundial. Significou o avanço e vitórias espetaculares do movimento de libertação nacional dos países coloniais e dependentes, sobretudo na Ásia e na África.

PALAVRAS DE LIU CHAO-TSI

Na solenidade dedicada ao 10.º aniversário da fundação da RPC, seu Presidente, Liu Chao-tsi, disse com razão, recordando o triunfo memorável: «Iniciou-se com ele uma nova época na história da China, a época do socialismo».

E acrescentou: «Nos dez anos transcorridos, em ritmo rápido alcançamos uma grande vitória na revolução socialista e libertamos completamente as forças produtivas da sociedade em nosso país. Nossa produção industrial, em dez anos, multiplicou-se por mais de onze vezes e a produção agrícola cresceu em mais de duas vezes e meia. Foi alcançada uma elevação geral do nível de vida da população. Desenvolveram-se impetuosamente a instrução, a cultura, a ciência e a saúde pública».

Em outra passagem de seu discurso, Liu Chao-tsi disse: «No curso do decênio passado recebemos fraternal ajuda da grande União Soviética e de outros países socialistas, encontramos simpatia e apoio do proletariado de todos os países do mundo. Agradecemos sinceramente a nossos amigos estrangeiros por sua grande ajuda e apoio».

NAVE CÓSMICA SOVIÉTICA FOI À LUA E VOLTOU

O terceiro foguete lunar soviético cumpriu o seu objetivo: passou perto da Lua e fotografou a sua face invisível da Terra.

No dia 4 de outubro — justamente dois anos após o lançamento pela URSS do primeiro satélite artificial da Terra, o primeiro Sputnik — era lançado aos espaços o Lunik III.

Fazia menos de um mês (14 de setembro) que atingira a Lua o Lunik II.

O Lunik III é mais um passo à frente para a conquista dos espaços interplanetários, uma nova etapa nos audaciosos estudos dos sábios soviéticos para os vãos do homem pelo Cosmos.

DADOS SOBRE O LUNIK III

A última fase do foguete agora lançado pela URSS pesa, sem o combustível, 278 quilos. Nela está instalada uma estação interplanetária automática, que emite sinais para a Terra acionada pela energia solar e baterias químicas. Essa estação automática tem por objetivo a obtenção de dados científicos os mais diversos. O foguete estava munido também de câmaras especiais para fotografar a face desconhecida da Lua.

Os aparelhos da estação

automática são comandados por uma estação central telemétrica localizada em alguma parte do território da União Soviética.

O comando do foguete à distância pelos cientistas soviéticos permitiu que ele seguisse uma trajetória que o aproximou da Lua no momento exato calculado para passar a uma distância inferior a 7.000 quilômetros do nosso satélite natural e fotografar sua face invisível.

O foguete, ao contrário do anterior, não desceu na Lua, mas voltou a uma órbita em torno da Terra, onde continuará girando, como satélite de nosso planeta.

O sistema de controle do foguete deve ser o mais perfeito possível, por quanto é muito mais difícil colorar um satélite em torno da Lua do que fazê-lo projetar-se contra a Lua. Os cientistas soviéticos possuem um sistema de controles que impede que a atração lunar se exerça sobre o foguete a fim de que ele possa voltar a uma órbita da Terra.

RADIOCOMUNICAÇÃO TERRA-LUA

Um cientista soviético especialista em foguetes, Bogolvienski, declarou que o programa de projetos sde-

rais da URSS marcha com tal rapidez que muito em breve poderá estabelecer-se um sistema de radiocomunicações entre a Terra e a Lua. «A orlação da primeira estação lunar automática — acrescentou o cientista — é desde já um problema realizável para os cientistas soviéticos».

O CINTURÃO DE RADIAÇÕES

Os anteriores foguetes soviéticos atravessavam o cinturão de radiações que existem em torno da Terra apenas quando do seu lançamento, quer dizer, uma só vez. Agora, o Lunik III, com seus aparelhos de transmissão de informações, atravessará esse cinturão inúmeras vezes, tantas quantas se movimentar na órbita elíptica em que se movimentará entre a Terra e a Lua.

O NOVO PASSO

O primeiro Lunik (lançado nos primeiros dias de janeiro de 1959) não atingiu a Lua; passou distante desse satélite, tornando-se planetário em torno do Sol. Não havia, portanto, ainda um controle eficiente para projetá-lo na Lua ou transformá-lo em satélite lunar.

O Lunik II, lançado a 12 de setembro, chegou com toda precisão à Lua no dia 14. Foi teleguiado por um centro científico na URSS.

O Lunik III, lançado a 4 de outubro corrente, passou a curta distância da Lua, mas pôde ser controlado de tal forma que já não caiu na superfície lunar; voltou a uma órbita em torno da Terra.

Isto significa que, num espaço de menos de um ano os sábios soviéticos alcançaram progressos maravilhosos nos projetos siderais. Ante tais progressos, vamos caminhando para o dia em que o homem descerá na Lua. E, vencida essa grande prova da aventura mais audaciosa já empreendida pela humanidade, os espaços cósmicos estarão abertos diante do homem. Este já não será prisioneiro da lei da gravidade. Conhecerá outros planetas, e, — quem sabe? — os seres que habitam esses corpos celestes, talvez em grau de civilização ainda mais elevado do que o da Terra.

Não é mais um sonho, uma fantasia, narrativas encantadoras da ciência-ficção. É a própria realidade que estamos vivendo. Não são projetos

para os nossos filhos ou netos. É para as gerações atuais.

NOVOS RUMOS

Diretor — Mário Alves
Gerente — Guttemberg Cavalcanti
Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.
Secretário — Fragma

BORGOS
REDATORES
Almir Matos, Rul Facó,
Paulo Motta Lima, Maria da Graça, Luis Ghilardini,

MATRIZ
Redação: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/1712 — Tel: 42-7344

Gerência: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905
Endereço telegráfico — «NOVOSRUMOS»

ASSINATURAS
Anual Cr\$ 250,00
Semestral . . . 130,00
Trimestral . . . 70,00
Acréa ou sob registro, despesas à parte
N. avulsa . . Cr\$ 5,00
N.º atrasado . . 8,00..

Começa a Ganhar As Ruas a Candidatura De Lott

As recentes manifestações prestadas ao marechal Teixeira Lott em São Paulo e no Rio Grande do Sul e a intensificação, que se observa sobretudo nesta capital, na criação de comitês populares pró-Lott são sinais que revelam haver saído a candidatura do atual ministro da Guerra da fase das articulações de bastidores para a movimentação de massas, para a conquista das ruas e praças públicas. E já nesta altura desfazem-se as dúvidas que ainda restavam quanto à estabilidade e a marcha para a definitiva consolidação da candidatura em torno da qual vêm se aglutinando as forças nacionalistas e populares.

ora armando verdadeiras ciladas. Exemplo de passividade e o retardamento em levar à prática uma série de iniciativas favoráveis à candidatura Lott, algumas mesmo há bastante tempo anunciadas, como é o caso da recepção oficial do PSD ao candidato. Uma autêntica

prática desenvolvida pelos dirigentes pessedistas esta longe ainda de contribuir para essa consolidação, que se verifica apesar deles.

Quanto ao PTB, embora surjam em suas fileiras algumas vozes discordantes, é mais clara a posição de apoio efetivo à candidatura Lott. Duas manifestações recentes confirmam essa posição: a viagem do sr. João Goulart juntamente com o marechal Lott ao Rio Grande do Sul e as declarações feitas nesta capital pelo governador Leonel Brizola, segundo as quais o caminho do PTB já está traçado: mar-

char com o marechal Lott até a vitória em 1960.

AMPLITUDE DA CAMPANHA

As manifestações populares com que foi recebido o marechal Teixeira Lott em São Paulo e no Rio Grande do Sul, o interesse com que os dirigentes operários têm procurado discutir os problemas do movimento sindical, e o surgimento dos comitês populares indicam um aspecto essencial da campanha pela candidatura Lott: a sua amplitude. Pelo seu próprio caráter, tendendo a reunir di-

ferentes forças nacionalistas e populares, a campanha pró-Lott deverá ultrapassar os limites dos partidos políticos e revestir a forma de um amplo movimento patriótico e democrático.

E de assinalar-se, enfim, que enquanto a candidatura nacionalista ganha uma penetração e uma amplitude dia a dia maiores entre as camadas populares, a candidatura do entreguista Jânio Quadros não só enfrenta um incontornável caso na UDN, mas se submete igualmente a um constante desgaste: o desgaste a que, depois de certo tempo, não podem escapar os demagogos.



Em São Paulo foi o marechal Lott aclamado por milhares de pessoas, numa manifestação que excedeu a expectativa de todos os líderes políticos e jornalistas que o acompanharam. No Rio Grande do Sul, onde esteve com o objetivo específico de uma rotineira inspeção de unidades militares ali sediadas, o marechal Teixeira Lott foi alvo igualmente de calorosas homenagens, particularmente dos ferroviários de Santa Maria e, em seguida, da população de Santana do Livramento.

PSD e PTB

Isto não quer dizer que tenham sido já superados todos os obstáculos a uma verdadeira campanha em que se conjuguem as diferentes forças que, de uma ou outra maneira, participam no esquema da candidatura Lott. Alguns desses obstáculos persistem ainda. Na área do PSD, especialmente, é visível a existência de focos que tentam em resistir, ora deixando-se ficar na passividade,

outra seria, por sua vez, o adiamento indefinido da Convenção do PSD de Minas Gerais, manobra do sr. Benedito Valadares contra a candidatura estadual do sr. Tancredo Neves, que se refletiu concretamente sobre a campanha do marechal Lott. Procurando contrabalançar a persistente frieza de certos círculos da direção pessedista, o ministro Armando Falcão afirmou enfaticamente, nos últimos dias, que se podia considerar a candidatura do marechal Teixeira Lott. O fato, porém, é que a ação

LANTERNEIROS PINTAM JÂNIO DE NACIONALISTA

Apareceu em alguns jornais, num último domingo, um manifesto assinado por trezentos membros de grupos nacionalistas, lançando um chamado ao Movimento Nacionalista Popular e convidando os cidadãos ao apoio à candidatura do sr. Jânio Quadros à Presidência da República.

O propósito do autor do manifesto, divulgado em forma de mala direta de propaganda, é convidar os leitores nacionalistas a fazerem publicar o texto por branco. Assim e que, enquanto pede o apoio para Jânio, por ser nacionalista, condena a candidatura do marechal Teixeira Lott, apresentando-a como a da preferência dos tristes e traidores. E, como se vê, um traque excessivamente grosseiro para que possa

iludir a quem quer que seja. Afinal, o Jânio Quadros, que esse manifesto exhibe como nacionalista e o melhor que há corça de dois anos, em São Paulo, afirmou que se eleito presidente da República adotaria, como primeira medida do seu governo, a liquidação da Petrobrás. E que, ainda este ano, enquanto se achar na Europa, declarou aos jornalistas ser amigo do peito de Nelson Rockefeller, o copo do Standard Oil, cujos problemas — segundo confessou — conhece perfeitamente. É o mesmo Jânio Quadros que, em entrevista coletiva a imprensa brasileira, no Copacabana Palace Hotel, antes de empreender a sua viagem de turista milionário, fez veemente defesa do então ministro Lucas Lopes e se pronunciou a favor da

reforma cambial exigida pelo Fundo Monetário Internacional.

Os autores do manifesto sabem muito bem, apesar do seu palavreado que a eleição de Jânio Quadros seria a vitória dos monopólios norte-americanos e dos grupos entreguistas a serviço em nosso país. E isto mesmo, aliás, alegaram no tal manifesto ao condenar como um absurdo equivocado o movimento patriótico de 11 de novembro de 1955, que combater as pretensões dos golpistas do 24 de agosto, assegurou a posse dos candidatos eleitos pelo povo.

Benefício, para desmascarar esse insidioso Movimento Nacionalista Popular, a falta de estrutura revelada pelos remetores de seu manifesto, de lançamento. Mas não é na possível passagem por alto uma particularidade, talvez mais significativa ainda, de que o primeiro signatário do manifesto, o Wellington Passos, lanterneiro e propagandista, advertiu o povo, quando recebeu o manifesto, assim.

UM FILÓSOFO SEM RABICHO E SEM PÁTRIA

O sr. Lin Yutang, chegando ao Brasil, fez declarações à imprensa. Declarações contrárias ao espírito dominante, hoje em dia, no país em que nasceu e do qual se atafica há muitos anos, para se converter numa espécie de cidadão cosmopolita, radicado na América do Norte.

Lin Yutang falou amargamente da paz. "Coexistência pacífica, palavra que detesto", afirmou ele. Confundindo a competição econômica e cultural entre os sistemas capitalista e socialista com uma guerra, disse que nunca haverá paz, somente porque os países socialistas rivalizam cada vez mais com os capitalistas, jogando artigos de consumo no mercado mundial.

Ao mesmo tempo que prevê uma guerra eterna entre o capitalismo e o socialismo, o sr. Lin Yutang afirma que o capitalismo já não existe, pois "o poder popular nos Estados Unidos é quase assustador", tanto assim que qualquer cidadão pode ser a honra do Bank of America. Ele mesmo e capitalista no mundo onde o capitalismo deixou de existir, pois tem uma ação no Bank of America.

Em meio a tanto contradição o sr. Lin Yutang não encobre seu ódio à revolução chinesa. A educação na China, diz ele, segue a orientação pedagógica soviética. Transforma-se em catequese política. A doutrinação pedagógica o ensino na física ou de matemática.

O sr. Lin Yutang, pensando encontrar-se num auditório de basbaques, fez essa afirmação tócia, e quarenta e

oito horas depois o Lunik III rasgaria o espaço cósmico, demonstrando que a instrução, nos países socialistas, não faz muito pouco caso do ensino da física, da matemática e de outras ciências exatas.

Escritor chinês, filósofo chinês assim vem sendo apresentado o sr. Lin Yutang, principalmente aos que ignoram que seus livros sempre se divulgaram da literatura chinesa, em tudo por tudo.

Vemo-lo hoje aqui a elogiar o capitalismo e ao mesmo tempo tentando negar a existência do capitalismo, que brindou a China com a Guerra do Ópio e com outras infâmias. Vemo-lo hoje a lapurrar a China, quando o futuro, dez anos depois da revolução chinesa, confirmam palavras de Mao Tse Tung, escritas em 1940: "Nos comunistas, lutamos há muitos anos não só pela revolução política e econômica da China, mas também pela revolução cultural".

O fatos confirmam as palavras de Mao Tse Tung. A China realiza sua revolução econômica, política e cultural.

Enquanto que as palavras de amargo pessimismo e de mesquinha provocação do sr. Lin Yutang demonstram que hoje, de chineses, ele não tem mais nem o zapato que deformava o pé nem o rabicho cortado no curso da revolução de Sun Yat-sen, quando os melhores homens da China já pregavam as "três teses políticas fundamentais" para a libertação nacional: aliança com a União Soviética, aliança com os comunistas de todo o mundo e apoio interno entre os operários e camponeses.

HIPÓTESES EM TÔRNO DE JURACI

Tendo concordado com a realização da convenção ademista no dia 7 de novembro — o que representa uma derrota do sr. Carlos Lacerda — o sr. Juraci Magalhães e seus partidários vêm se lançando numa atividade redobrada nas últimas semanas. O próprio sr. Juraci deverá estar no Rio no próximo dia 20, procurando influir pessoalmente na arrematação de forças para a convenção.

Embora apresentando-se com os títulos de fundador e ex-presidente da UDN, tudo indica que o governador da Bahia está intimamente convencido de que terá o seu nome recusado pelos convencionais da eterna vigilância, numa proporção que se espera atingirá os 70%. A direção atual da UDN — acusada abertamente de traição pelo governador da Bahia — preparou o terreno para que seja lançado na Convenção o nome do sr. Jânio Quadros.

Confirmando-se esta previsão, surge o problema: que atitude tomarão o sr. Juraci e demais governadores udenistas do Nordeste, que lançaram formalmente a sua candidatura na reunião de João Pessoa? E' quase unanimemente rejeitada a hipótese de que o sr. Juraci viesse a figurar como vice na chapa de Jânio. Não teria, por outro lado, nenhuma viabilidade a sua candidatura à Presidência sem o apoio de ponderáveis forças políticas, todas elas então polarizadas em torno de Lott e de Jânio. Seria destituída de sentido nesse caso a sua candidatura.

O que parece mais provável é que toda a movimentação feita pelos juracistas tem um objetivo definido: deixar bem claro que, ao sacrificá-lo por um estranho ao partido, foi a própria UDN que o afastou de suas fileiras. E o sr. Juraci se sentiria então à vontade para tomar os rumos que melhor entender ou que mais lhe convenham em face da sucessão, sem que possa ser apresentado como responsável pela cisão da UDN. Nesse caso, prevê-se que o sr. Juraci e possivelmente outros governadores udenistas do Nordeste venham a marchar para a candidatura Lott.

As coisas ficarão mais claras, enfim, depois que se realize a Convenção da UDN.

Candidatura Tancredo

O PASSEIO DE 29 MILHÕES

Não encontrou solução ainda o problema da escolha do candidato do PSD mineiro às eleições estaduais. Dada a natural preferência que tem essa escolha, particularmente em função das eleições presidenciais, o "affaire" mineiro e um dos acontecimentos que centralizam a atenção dos círculos políticos do país.

Apesar de todas as maquinacões do sr. Benedito Valadares e alguns outros dirigentes pessedistas, o sr. Tancredo Neves continua a ser considerado o melhor e o mais provável candidato. Além de contar com uma profunda penetração nas bases de seu próprio partido, tem como certo, caso venha a ser indicado, o apoio maciço do PTB e do PR. Além do mais, por suas tendências nacionalistas, o ex-ministro da Justiça do governo de Vargas está perfeitamente identificado com a candidatura do marechal Teixeira Lott.

O principal adversário do sr. Tancredo Neves é o velho Benedito Valadares, presidente do diretório mineiro do PSD, que ameaça inclusive retardar até março ou abril de 1960 a convocação da Convenção, o que seria, no caso de se confirmar, um golpe contra a candidatura Lott. Ao que tudo indica, porém, as desesperadas resistências

Letitias de Ponta Grossa escrevem-nos pedindo que seja esclarecido quanto gastou o sr. Jânio Quadros em sua natibessica viagem em volta ao mundo.

Segundo uma ampla reportagem publicada pelos nossos confrades de "O Semanário", a fabulosa viagem de Jânio — que se fez acompanhar, durante todo o tempo, de esposa, filha, mãe e dois secretários — custou a bagatela de vinte e nove (29) milhões de cruzeiros. Assinala-se, aliás, que esta foi a quarta viagem no estrangeiro feita pelo candidato entreguista com a sua família. E que até há poucos anos, ao se eleger vencedor em São Paulo, Jânio era um homem pobre, mal tendo podido fazer sua própria campanha eleitoral.

29 milhões de cruzeiros! Onde Jânio conseguiu tanto dinheiro para gastar em viagens de nababo, às resenhas de uma campanha eleitoral que custará muitos outros milhões? As coisas talvez fiquem mais claras se nos lembrarmos da recente declaração de Jânio a respeito de seu amigo Nelson Rockefeller: "Conhecemos muito bem os seus problemas, assim como ele conhece os nossos".

o nome do sr. Tancredo Neves tendem a ser eliminadas, sendo afinal aprovado o seu nome como o candidato da coligação PSD-PTB-PR ao governo de Minas.

Fora De Rumo
RAYMUNDO NONATO

Jornais e emissoras de rádio divulgam notícias da viagem do Lunik III, já em busca do lado da Lua nunca visto pelo homem. Lê-se numa dessas notícias que a estação planetária daria uma volta em torno da Lua — muito similar à empregada por um automóvel numa curva fechada. Naturalmente conservando a direção, sem levantar poeira e sem guincho de pneumático.

Em meio a tamanha expectativa surgiu numa revista o pronunciamento do sr. Austregésio Ataliba, membro da Academia de Letras. Diz ele do Lunik III: "Surpreende e embevece, mas não acrescenta uma linha no desvendamento dos mistérios que cercam o universo. Chegaremos sempre ao paredão intransponível, além do qual só a Fé dirime e conduz."

Disseram a Austregésio, no Ceará, quando menino: «Antes de Deus criar o mundo tudo era vazio e escuro». Essas palavras foram como que um presságio, contando a perspectiva do futuro imortal. No tempo de Colombo ou Vasco da Gama, Austregésio Ataliba dividiria dos que se orientavam em Copérnico e galileuária, com certo orgulho, a crença de que a terra era chata e coberta por uma abóboda azul.

Reconozemos um pouco mais a nosso acadêmico em direção ao começo do Mundo. Teíamos então o bom Austregésio, indignado com o atrevimento dos argumentistas, a clamar, na língua de Camões, que é a mesma da Casa de Machado de Assis:

Vistes, que com grandíssima ojeriza
Foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
De tentarem o mar com vela e remo.

Chegaremos sempre ao paredão intransponível, além do qual só a fé dirime e conduz, diz o acadêmico. No entanto, não dispondo desse paredão para ocultar aos olhos dos turistas o espetáculo das favelas, a Prefeitura determinou a pintura dos barracos. Artistas estudam combinações de cores. O comércio de tintas encara com simpatia a lembrança genial.

E as vedetes canoas? Não querendo lutar a tort com vela e remo, embarcam de Skymaster para Salvador. Um cronista especializado acrescenta detalhes: «Levam muita disposição (vão jogar futebol), sorrisos bonitos e outros complementos». Os complementos aparecem num clichê de três colunas.

Em face desses complementos, Austregésio, já beirando a idade proventa, dissertaria, com experiência: «Surpreendem, embevecem, mas não acrescentam uma linha no desvendamento dos mistérios que cercam o universo».

Homenagem à China



A cronista Eneida realizou no dia 2, na ABI, uma conferência a respeito da China, país que visitou recentemente. A assistência à criança, a alfabetização dos velhos e o funcionamento das prefeituras de bairro foram os principais problemas abordados pela conferencista. Eneida ressaltou que a nossa literatura é conhecida na China, através de traduções russas e inglesas. Jorge Amado e Érico Veríssimo são os autores brasileiros mais conhecidos naquele país.

Dentro em breve, segundo esclarecimento da cronista, será editada uma tradução chinesa de "Os Sertões", de Euclides da Cunha.

Organizada pela Associação Sino-Brasileira de Intercâmbio Cultural, a conferência foi uma homenagem ao X Aniversário da Libertação da China.

Na foto, um aspecto do ato, vendo-se parte da assistência que superlotou o salão da ABI.

A "Revolução Da Viola" - Arma De Libertação Dos Camponeses Nordestinos

NOTAS SOBRE LIVROS



A POESIA POPULAR DOS VIOLEIROS E REPENTISTAS AJUDA O ESCLARECIMENTO DAS MASSAS CAMPONESAS — JOÃO MARTINS DE ATAÍDE, JOSÉ PACHECO, JOSÉ CORISCO E "ANDORINHA" — OS "HERÓIS" DOS FOLHETOS DE POESIA — A ELEIÇÃO DO DIABO E A POSSE DE LAMPÃO NO INFERNO — A LUTA CONTRA O "SENHOR DE ENGENHO" E O "CORONEL"

Reportagem de CLODOMIR MORAIS

Uma ênfase em toda a sua plenitude. O homem que não está dentro da discussão é considerado "mais fora do que bandeira de 'mita-mosquito'; fita de chapéu ou cinturão de soldado". O que se acha muito dentro da questão, "está mais dentro do que badalo de sino" ou "talo de macaxeira". Ao homem suarento o maturo diz que "sua mais do que tampa de chaleira ou garrafa de água gelada". E quando a coisa está muito feia ele diz que é "mais feia do que voz de prisão, do que necessidade ou, ainda, mais feia do que briga de cegos".

UMA LÓGICA ESPECIAL

Mas nesse português pobre de vocabulário porém rico em imagens e simbolismo, o camponês promove com sua poesia popular a sua mais aguçada compreensão. Pois é a poesia dos violeiros, dos cantadores e dos folhetistas populares o que mais lhe atrai e o que mais a sua mente aprende ou assimila. A rima, a cadência dos versos populares promovem ainda à mente do camponês a lógica do argumento confuso no provérbio, no adágio, no ríto. Senão vejamos o poder da argumentação de João Martins de Ataíde, há pouco falecido em Limoeiro: "Você disse que é peitudo, Mas isso não me ameaça; Mais peitudo do que você

Tem uma porca de raça Tem logo duas fileiras Mas de uma porca não passa."



INDÍCIOS DE AMADURECIMENTO

Através da poesia popular dos violeiros e repentistas que em milhares de folhetos hoje se espalham por todo o Nordeste, se observam sinais de amadurecimento político das massas camponesas. Vai não vai o camponês, seu terra lutando contra o "coronel" e o senhor de engenho, lutando contra a exploração de vida aparece como tema da poesia popular. O folheto de João José Silva, "O Coronel Mangangá e o Seringueiro do Norte", editado pela Folheteria Cruzeiro do Norte e um eloquente exemplo dessa nossa assertiva. O "coronel" Mangangá depois de expulsar muitas famílias de suas terras, depois de assassinar ou de expulsar centenas de homens pobres, dá de festa com um camponês que resiste e derrotou os seus capangas, dando cabo, por fim, no regime de servidão do Engenho Cananã. Ao fim da heróica luta, o Seringueiro do Norte distribui as terras e salva o povo da miséria.

Al disse o Seringueiro: — Foi o Mangangá morreu E tudo que tem aqui Está no domínio meu, Quem trabalhou sem ganhar Vai receber o que é seu. De manhã o Seringueiro Ajuntou todo o habitante Avaliou a fazenda Do Mangangá dominante E cada um recebeu Uma parte interessante. E depois de repartido Todos bem de Mangangá Uns foram embora dan E outros ficaram lá Nunca mais houve miséria Na Fazenda Cananã.

Temas como esse se repetem em outros folhetos de Francisco Sales: "O Negro do Paraná e o Seringueiro do Norte"; "Verdadeiro Encontro de Antônio Cobra Choca com o Sertanejo do Norte"; "Encontro de Duas Feras"; o latifundiário levou a pior; "José disse: — Este sujeito Já está enchendo-me o saco Deu-lhe oito paulhadas Deixou somente o cavaco; Depois juntou-o com o negro Enterrou-os num só buraco. Voltaram os dois à Fazenda Libertaram os desgraçados. Depois só houve alegria Para os escravizados Para os passados a possuir Todos eles os seus plantados"

A batalha contra o escorcho fiscal travada em Pernambuco em 1956, quando da redação do novo Código Tributário, não deixou de também influir na poesia popular, sugerindo-lhe assuntos novos já que se enquadravam na luta contra a carência de vida. Assim é que Manuel Campina, no folheto "Discussão de um Fiscal com uma Paieteira" descreve: "Disse o fiscal: — minha dona Não me interessa questão; Me pague quinze e quinhentos Que eu passo o seu talão. Disse a velha: — Tu és tólo! Pegue a retá e queime o cinão! Ainda você já viu Pagar-se imposto de tripaf Hoje aqui eu brigi muito E não pagu esse "sullpa" Pra pagu na cadeia Depois o passar-lhe a ripa."

POESIA CONSEQUENTE
Zé Corisco, no folheto "Discussão de um Doutor com um Matuto" demonstra a eficiência da poesia popular como instrumento de esclarecimento das massas camponesas. A discussão se dá na feira de Ingá (Parabá). "Causava dó e compaixão Vendo-se aquela pobreza Homens barbados e sujeitos Se acabando de fraqueza Era o retrato da fome Miséria, dor e nucaza Cadeia nem violência Enche barriga de pobre Que luta contra a miséria; Uma luta honesta e nobre Contra a ganância do rico Que tanta miséria encobre

Se a pobreza tivesse Terra pra trabalhar E o auxílio do governo Para a terra cultivar Garanto que a miséria Havia de se acabar. Foi juntando muita gente Vendo mundo admirado Vendo aquele homem pobre Falando tão acertado Uns gritavam: — Muito bem Outros diziam: — Apoiado. E "Andorinha" o afamado repentista das "Ligas Camponesas" do Nordeste, começa um de seus folhetos "O Voto do Camponês" com o seguinte chamamento: Despertai-vos camponeses Sentai na trilha do bem que as trevas do latifúndio Não erga mais a nuvem Estou vendo a claridade Do dia da liberdade O Sol da Justiça vem.

Lá no céu da consciência Um grande sinal já tem Um S, um A e um P Na frente do sinal vem, Cabe uma derivação Quem conhecer da razão Já sair-se muito bem. O S que tem primeiro Quer dizer "Sociedade" O A quer dizer "Agrícola" Digo com sinceridade E o P é "Pecuária" Derivação necessária Que faz nossa liberdade.

E a conhecida Sociedade Agrícola Pecuária de Pernambuco, a cujas dezenas de delegacias hoje espalhadas por todo o Estado se apelidou de "Ligas Camponesas". O CAMPOES — O MÍSTICO Em meio a toda essa literatura, curiosa pela pobreza do material gráfico, e formas gramaticais; pela enorme penetração nas massas camponesas, há também outros aspectos que sugerem análise sociológica. Observa-se que o camponês é, por excelência, um místico e como tal admite o messianismo, mesmo na sua mais grosseira forma ou origem. Ele aprecia um líder, um homem sem medo, um Zapata, um via, um Tebapue, um Davy Crockett, um Piefhansien, um Pougachev, um Antônio Conselheiro ou um Lampião, não obstant os motivos que o levam à liderança. O que importa é a existência do líder. Daí talvez o grande número de folhetos narrando as peripécias de Lampião. Virgolino Ferreira mesmo tido como um "duoleiro", aparece, quase sempre, como um defensor dos mais fracos, lutando contra o senhor do engenho, o fazendeiro, o "coronel" desalmado. E cobra engolindo cobra — acrescenta satisfeito. Mas é também ele (Lampião) quem discorda dos resultados da eleição fraudulenta e resolve tomar o poder à força. O seu adversário político é Lucifer e o Inferno descrito pelo poeta popular não é outra coisa senão o próprio engenho com mercado, depósito de algodão, vigia, vidraças, terraço da casa grande, casa da ferragem e do armamento e ainda os "negros" e capangas. E a "Eleição do Diabo e a Posse de Lampião no Inferno", escrita por Severino Gonçalves de Oliveira:

"Um cabra de Antônio Silveira Por nome de Zelácio Morfo há 24 anos Baixou em uma sessão Contou um drama moderno Dizendo que o Inferno Estava em Revolução. Deu-se essa revolta No dia da eleição Satanaz no trono dele Fiz uma reunião Quando Capataz falou O Juiz candidatou Lucifer e Lampião. Essa mesma paisagem é apresentada por José Pacheco em "A Chegada de Lampião no Inferno": "O vigia foi e disse A Satanaz no salão Salva Vossa, Senhor! A' chego Lampião Dizendo que quer entrar E eu vim lhe perguntar Se lhe dou ingresso ou não."

Satanaz (como o senhor de engenho) evidentemente não permite a entrada do líder bandoleiro. O vigia o ad-

Quando apareceu o Doutor Jivago ou uma Lolita, não faltam editores sófregos por fazer dinheiro à custa do escândalo publicitário ou da indústria anticomunista. Não faltam, igualmente, cronistas mais ou menos literários e colunistas mais ou menos políticos movidos também por semelhantes motivos. Mas quando aparece um romance do alto teor ao mesmo tempo literário e ideológico, como é o caso de La Semaine Sainte, de Aragon, o grande escritor comunista, aí os editores se encolumem, e os cronistas e colunistas nem sequer tomam conhecimento da obra. Tudo isso, afinal, é muito compreensível, e se o lembro aqui é apenas para acentuar a significação do silêncio observado, entre nós, no tocante ao último romance de Aragon.

Lá a Semana Santa há uns três meses, em dias morosos de convalescença — e foi uma leitura também morosa e inicialmente nada fácil, tal a extraordinária densidade da atmosfera em que o romance se desenvolve e em que se movimenta a massa compacta dos seus personagens. São perto de 600 páginas de prosa certada, em que a maneira de Aragon, rica, inventiva, audaciosa, atinge os seus melhores momentos de plasticidade e força persuasiva. São 600 páginas encharcadas de seiva romanesca, uma evocação em grande estilo da sociedade francesa durante a "Semana Santa" de 1815 — do domingo de Ramos ao sábado de Aleluia — durante a qual a corte de Luís XVIII fugiu de Paris, ceticamente, apavorada com a aproximação de Napoleão, que desembarcava no golfo Juan, escape da ilha de Elba. O romance é precisamente isso — a história dessa fuga da família real a caminho da fronteira no Norte da França.

Não é um romance histórico — e Aragon o declara textualmente em advertência inicial. É obra de pura imaginação romanesca — e que poderosa imaginação — mas imaginação que se nutre fartamente da realidade de um momento dramático da história francesa. Houve o acontecimento histórico — a volta de Napoleão e a fuga de Luís XVIII; a imaginação do romancista recriou livremente os múltiplos, presuníveis e tremendos personagens do acontecimento. Muitos nomes verdadeiros de duques, marqueses, condes, marechais, damas da nobreza, e de alguns escritores e artistas, etc., aparecem em suas páginas encarnando personagens do drama tais quais foram eles imaginados pelo romancista — mas isto sem conferir caráter histórico à obra. Há aí uma distinção à primeira vista espciosa, criando um difícil problema de transposição literária, que entretanto Aragon soube resolver com excepcional maestria, sem o menor sacrifício dos direitos da imaginação e no mesmo tempo sem qualquer deformação da realidade.

Outra característica de A Semana Santa consiste em que o romance, além de uma centena ou mais de personagens de piona, põe em movimento a própria população das províncias francesas por onde seguem os fugitivos, que formam um inenso e desordenado cortejo de cartuchos e tropas militares, com todo um pesado trem de acompanhamento, abalando séres e coisas por onde passa, como um terremoto de mão e de pé.



Obra de vasta proporcão — não só pela quantidade de páginas, como principalmente pela complexidade da sua estrutura e pela qualidade de sua realização artística — A Semana Santa nos sugere numerosos pontos de comentário, o que tentaremos fazer em notas subsequentes.

REGISTRO

Muitos e muitos livros apareceram durante os quatro meses de nossa ausência destas colunas. Na impossibilidade de mais detalhada notícia de cada um, limitar-nos-emos ao simples registro bibliográfico daqueles de que tomamos conhecimento. Agripino Grieco — Machado de Assis, Crítica, José Olympio Editora.

Afrânio Coutinho — Introdução à Literatura Brasileira. Crítica e história. Livraria São José.

Afrânio Coutinho — Euclides, Capistrano e Araújo. Crítica. Serviço de Informações do Ministério da Educação e Cultura.

Olívio Montenegro — Retratos e Outros Ensaio. Crítica — José Olympio Editora.

Mello Nóbrega — Os Sonetos do Soneto. História literária. Livraria São José.

V BIENAL (III)

VAN GOGH - A Grande Airação

EVA FERNANDES

A grande atração da Bienal deste ano é a exposição Van Gogh enviada da Holanda, constando de 15 desenhos e 15 telas do mestre pós-impressionista.

A pequena mostra foi escolhida de maneira documental trajetória da expressão plástica do artista, desde a fase sombria de seus inícios, na Holanda, até a última fase, das paisagens explosivas. Dos pintores modernos, a figura de Van Gogh é uma das mais conhecidas entre o grande público. A sua obra, a sua vida têm sido objeto de estudos eruditos e biografias romaneçadas, filmes documentários e de ficção foram projetados em milhares de salas de exibição no mundo inteiro, todavia, na maioria das vezes o artista é apresentado sob um ângulo deformador; é apresentado como um doente e a sua arte como consequência direta de sua moléstia.

Na realidade, Van Gogh foi um grande amante da vida, do homem, abraçava, em sua juventude, a profissão de pastor para ficar junto das camadas mais exploradas e sofridas de seu povo, os mineiros. Como seu amor à vida e à humanidade queria ajudar aquela gente espoliada e pisada e, tanto com êks se identificou que a igreja o despediu.

A escolha de obras apresentadas na V Bienal dão bem ideia dessa fase — homens e mulheres endurecidas pela vida difícil, gente no trabalho, ao tear, cavando a terra. É uma pintura sombria, de tons de terra escura, marrons e bezes e, apesar da expressão concisa, de mestria do artesão, da clareza do pensador que sabe dar forma às suas ideias, Van Gogh não teria, provavelmente, alcançado a fama que goza, (infelizmente alcançada somente

após sua morte) se não tivesse encontrado a cor.

Em 1886 o artista foi morar em Paris, capital da arte e centro da grande reviravolta que, em oposição às formas esgotadas de uma pintura que nada mais tinha em comum com a vida, ia procurar sua inspiração na natureza. Era a grande época dos Impressionistas, aos quais, embora posterior, pertence Van Gogh. Pintavam a luz, paisagens banhadas em luz e alegria. No domínio formal isto correspondia à volta para a cor, no abandono dos tons friados, dos quadros escuros onde, no rico colorido da natureza, sobre apenas o marrom, o cinza, o esverdeado.

O gênero de sua pintura sofreu uma brusca modificação, parece ter mudado de espírito. Todavia, mesmo na nova fase, embora no novo ambiente a sua pintura se dedique a outros temas, o fator humano continua sendo a sua preocupação. Sentimos em suas paisagens o trabalho humano quando como no caso de muitos desenhos, as paisagens não existem apenas em função do homem. Era profundo admirador de Millet que, nas suas próprias palavras "deu a síntese do camponês". Durante toda a sua vida pintava os homens trabalhando, não como um simples "motivo", mas para exprimir seus sentimentos mais altos. "Na pintura queria exprimir algo de consolador, como a música pode ser. Queria pintar homens e mulheres com um não-ser-que de eterno, do que, antigamente, a aurora era símbolo, e que agora procuramos pela irradiação, pela vibração de colorido".

Com a mostra especial de Van Gogh e Holanda fez mais do que comemorar o primeiro decênio de existência da Bienal de São Paulo. Ofereceu ao público brasileiro a oportunidade de admirar toda uma coleção de obras originais do grande mestre, termos, no conjunto da Bienal, um ponto de referência para apreciar as obras e tendências ali apresentadas e neste momento em que muitos críticos e artistas antes convictos da validade da arte não objetiva estão sentindo a necessidade de um enriquecimento da expressão plástica, a presença de Van Gogh, a lição de seu humanismo lição nos valores formais, e de inestimável significação para o público e os artistas.



verte da agitação que Lampião poderá fazer. Mas Satanaz o tranquiliza: "Leve três dúzias de negros Entre homem e mulher Vá na loja da ferragem Tire as armas que quiser. E bom escrever também Pra virar os negros que têm O cunhadro Lucifer."

Al fechou-se o tempo até esgotar a função dos dois Indos em luta.

"Lampião pegou um 'seixo' E rebolou n'um 'cão' A pedrada arrebatou A vidraça do oitão Saiu um fogo azulado Incendiou-se o mercado E o armazem de algodão

Houve grande prejuízo No inferno dessa dia Quem-lhe o dinheiro todo Que Satanaz possuía Queimou-se o livro dos pontos Perderam seiscentos contos Sómente em mercadoria."

A eleição descrita por Severino de Oliveira é de aquelas que se realizam na Zona do Açúcar, nos engenhos. O trabalhador vota, mas o se-

nhor de engenho é que sempre sai vencedor. Lampião discordei do resultado frustrante do pleito e o novamente fechou-se o tempo; "Zelácio trouxe a notícia Desta tenebrosa cena Dizendo: — Lá no Inferno Ninguém termina a quinzena A grande Revolução Tem matado tanto "Cão" Que quem ouvir contar faz pena."

Vitorioso, Lampião começou a administrar com a expulsão dos capangas de Lucifer: "E lá dentro do Inferno Fez uma separação Expulsou Diabos que enchem Setenta mil canibíes E mandou soltar no sul De Catende a Cuelui De Raada e Ribeirão."

Esta versão parece verdadeira porque é, precisamente, na Zona Sul de Pernambuco onde o latifundiário reacionário mata "os camponeses de fome; onde a exploração é mais acentuada e onde os capangas e os vigias das usinas e engenhos são mais desumanos.

O Coronel Mangangá e o Seringueiro do Norte



PREÇO — Cr\$ 6,00

TEATRO

Houve duas estréias na semana passada. E várias outras se anunciam para os próximos dias. Não tendo sido dedicadas à crítica, aguardamos a oportunidade de vê-las para comentá-las. Hoje à noite assistiremos a uma delas: "O MACACO DA VIZINHA" de Manoel de Macedo, encenada pela Cia. de Teatro do Rio, que ocupa o Teatro São Jorge, no Catete. Amanhã teremos pela CTCRA (Cia. Tônia-Celi-Auroran) a peça do jovem autor Cleber Ribeiro Fernandes "A TORRE DE MARFIM". A primeira já a conhecemos através da montagem do "Tablado", com direção de Alfredo Souto de Almeida. Quanto à segunda mereceu o primeiro prêmio no concurso de peças instituído pela CTCRA, no ano passado. Em entrevista a Pascoal Carlos Magno, disse o autor: "Como autor ambicioso inclusive uma carreira bem sucedida. Como pessoa, ao escrever uma peça, gostaria de incentivar essa ternura que nos envergonha e que vivemos ansiosos por empregar em algo que valha a pena. Que dois séres que amaram e que hoje estão à beira de uma ruptura resolvem voltar atrás, depois de assistir "A TORRE DE MARFIM", talvez seja também demais. Mas eu gosto de pensar que isto pode acontecer". Como vêem, uma bela declaração de princípios. Que deveria aliás ser adotada por todos aqueles que se dedicam à arte e à literatura — incentivar ternuras —. Uma pedrinha humilde na construção de um mundo de maior compreensão e fraternidade entre as criaturas. Foi o que Cleber fez, também, em sua peça-conjunta do Teatro do Rio e apresentada, dominância infantil "A ONÇA E O BODE" encenada pelo passado, no Teatro João Caetano, no Festival do Teatro Infantil. Sobre ela falaremos mais detalhadamente, quando comentarmos o festival, cuja última peça será levada à cena no dia 15 de Novembro. Até lá, assistiremos ainda a mais 6 peças. A de domingo próximo será "PAULINHA NA GRUTA DO ALI-BABA". Os espetáculos se iniciam às 10 horas, aos domingos. Algumas entradas são distribuídas às escolas, pelo Serviço Nacional de Teatro. A venda na bilheteria é a preço muito conveniente: vinte cruzetões.

Outras estréias de grande importância estão sendo anunciadas para os próximos dias: o conjunto paulista do "TEATRO DE ARENA" no dia 10 — para instituições e depois para a crítica, iniciará suas atividades com a peça de Gianfrancesco Guarnieri, autor de "Gimbo", "Eles não usam Black-Tie". Inaugurará o teatro do Centro Comercial de Copacabana, sito à Rua Siqueira Campos, entre Barata Ribeiro e Túnel Velho. Foi representada 400 vezes consecutivas em São Paulo. Um recorde de cartaz Quem tiver curiosidade de ler, tanto esta como a outra peça do autor (Gimbo) poderá adquirir a revista da SBAT, na sede da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais: Rua Almirante Barroso, 97, 3.º andar.

Também o "TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA", companhia oficial organizada, subvencionada e orientada pelo Serviço Nacional de Teatro, anuncia sua estréia para breve, com dois grandes lançamentos: "A BEATA MARIA DO EGITO" de Raquel de Queiroz, com Glaucio Rocha no papel título e "AS TRÊS IRMÃS" de Anton Tchekov. Direção de José Mario Monteiro na primeira e de Ziembsky na segunda.

Enquanto isso, a "Compadecida" voltou ao Teatro de Bólas, da Praça General Osório, restaurado depois do incêndio enquanto ensaia peça nova a ser lançada brevemente. Convém prestigiar a jovem empresária Aurizma Rocha estorçada batalhador de movimento teatral seriamente atingido pelos prejuízos decorrentes do incêndio; a qual segundo consta não merece o menor auxílio oficial nessa emergência.

BEATRIZ BANDEIRA

Conspiração Contra o Movimento Operário

JOVER TELLES

A política atual do governo do Sr. Juscelino Kubitschek vem determinando uma elevação sem precedentes nos preços dos gêneros de primeira necessidade. Basta dizer que o custo de vida, somente no mês de agosto, segundo a revista "Conjuntura Econômica", subiu mais 5,23 por cento; o custo de vida, no ano, mais 33,71%; o custo da alimentação, somente em agosto, mais 8,06%; o custo da alimentação, no ano, mais 41,34%.

Essa situação vem tornando insuportável a vida do povo, principalmente da classe operária, e é o que explica o crescimento das lutas dos trabalhadores por aumento dos salários, e a luta de todo o povo contra a carestia da vida.

Atualmente, mais de 1 milhão de trabalhadores estão empenhados na luta pelo reajustamento salarial. Cresce o movimento grevista no país, que abrange milhares de operários. Lutas espontâneas das massas, que muitas vezes degeneram em "quebra-quebra", vêm sucedendo-se em todos os Estados onde também se verificam passeatas e comícios contra a carestia da vida.

A frente de todos esses movimentos organizados, está a classe operária, que através de movimento sindical e de sua vanguarda política, vem exercendo, cada vez mais, um papel decisivo nos acontecimentos. Na luta contra os aspectos antinacionais e antipopulares da atual política executada pelo governo do Sr. Juscelino Kubitschek, contra a exploração patronal e em defesa das liberdades democrá-

licas e sindicais, novos passos são dados, pelo proletariado, no sentido de fortalecimento de sua unidade e organização sindical, bem como de estreitamento dos vínculos do movimento operário com outros setores de povo, principalmente com os estudantes e camponeses.

Diante do acentuado da luta das massas, o governo iniciou medidas de intervenção no setor do comércio e da distribuição de gêneros. Esse conteúdo da Portaria da COFAP que permite ao governo a intervenção nos frigoríficos sonegadores da carne, bem como o projeto de Lei enviado pelo governo à Câmara e que visa substituir a COFAP pela Superintendência da Produção e do Abastecimento, e dar maiores possibilidades legais ao governo para agir contra o poder econômico.

Essas medidas, como é natural, vêm contando com amplo apoio dos trabalhadores e do povo.

Simultaneamente, cedendo à pressão dos reacionários, entreguistas, enquistados no aparelho do Estado, o governo tem, através de notas governamentais, de notas da Chefia de Polícia e de outras medidas de repressão policial, tentado amedrontar mais as massas. Ultimamente urde-se, entre as forças mais retrógradas da nação os fios de uma conspiração antidemocrática contra o movimento operário.

Continua a pender sobre os trabalhadores a portaria do Chefe de Polícia que tenta revigorar o famigerado e já superado atestado de ideologia. O Ministério do Trabalho acaba de baixar a Portaria 158, proibindo que pessoas estranhas, trabalhadores e

dirigentes sindicais, possam participar de atos que se realizem em organizações sindicais de outras profissões. Pretende, assim, dificultar ou mesmo impedir a solidariedade e a unidade que, entre os trabalhadores, as massas populares, os estudantes e todas as forças patrióticas vêm se forjando na luta contra os imperialistas norte-americanos, por um desenvolvimento independente da economia do país, e pelo melhoramento das condições de vida do povo brasileiro.

Peça importante dessa conspiração contra os direitos dos trabalhadores é o substitutivo Jefferson de Aguiar ao projeto que regulamentou o direito constitucional de greve, com o qual se tenta anular aquele direito, rejeitar o projeto de Lei aprovado pelos trabalhadores e substituir o nefasto decreto antigo de 9.070, por não menos nociva Lei que, se aprovada, constituirá uma nova camisa-de-força sobre o movimento operário.

Em face do perigo representado pelo substitutivo Jefferson de Aguiar, o Sr. João Goulart, juntamente com um grupo de assessores, entre os quais alguns dirigentes da CNTL, resolveu oferecer, através do Senador Atílio Vivacqua, e a título de subsídio, um substitutivo ao que apresentou o Senador Jefferson de Aguiar.

Mas o substitutivo Atílio Vivacqua, se bem que mais democrático do que o apresentado por aquele Senador, apresenta graves defeitos e é restritivo ao direito constitucional de greve, nega esse direito aos servidores públicos, limita a duração da greve a 30 e a 60 dias, discrimi-

nando, assim, os trabalhadores que exercem atividades fundamentais. Ainda há pouco, os operários têxteis de Santo André, para alcançarem a vitória diante da intransigência patronal, necessitaram manter-se em greve por mais de 90 dias. O mesmo aconteceu, recentemente, com os portuários da cidade de Santos. Esse documento prevê, também que a greve cessará por sentença judicial, na apreciação do conflito. Quer dizer: se os trabalhadores de uma categoria profissional reivindicam 50% de aumento e se a justiça decide conceder somente 25%, aqueles são obrigados a aceitar a decisão judicial e a cessar a greve, sob pena de ser esta considerada ilegal e sofrerem, os trabalhadores, as consequências que disso advêm.

Como se vê, o substitutivo Atílio Vivacqua é, também, uma espécie de 9.070, com a única vantagem de que, com esse caráter, só será aplicado após 30 dias de greve em alguns casos, 60 dias noutros, e em todos os casos após decisão judicial. Nada se diz, nesse documento, sobre o direito à greve de solidariedade; sobre a responsabilidade das autoridades que violarem a Lei, etc. Assim, ao invés de regulamentar o direito constitucional de greve, o substitutivo que analisamos restringe esse direito e constitui um retrocesso em relação às conquistas que o movimento sindical já obteve na prática, bem como em relação ao projeto original, do Deputado Aurélio Viana, emendado e aprovado pelos trabalhadores em 1958 na Conferência Sindical Nacional, aprovado, também, por todos os Congressos, Conferências e Assembléias Sindicais desde então realizadas e, inclusive, aprovado unanimemente pela Câmara dos Deputados.

Assim o projeto que ora se pretende contrapor ao substitutivo Jefferson de Aguiar significa uma capitulação diante da pressão das forças reacionárias. Não por acaso, este Senador declarou que o trabalho original era seu. O outro é apenas uma cópia, e exigiu que, assim sendo, se desse prioridade para a aprovação de seu projeto. E o mais lamentável é que, segundo ainda o Sr. Jefferson de Aguiar, o Sr. João Goulart concordou em aprovar o substitutivo daquele Senador, ao qual apresentou apenas três alterações: "A primeira diz respeito à indicação das atividades que interessam à segurança

(Conclui na 7.ª Página)

O Governo Protege Os Ladrões Da CAPFESP

ENQUANTO OS ASSOCIADOS PASSAM PRIVAÇÕES, AS EMPRESAS (COM APROVAÇÃO DO GOVERNO) SE APROPRIAM CRIMINOSAMENTE DE CONTRIBUIÇÕES E PAGAMENTOS DOS TRABALHADORES

NILSON AZEVEDO

Enquanto o Governo protege os ladrões da CAPFESP, milhares de aposentados e pensionistas dessa autarquia continuam vivendo como mendigos, chegando alguns a apelar para a caridade pública, juntando, para poder viver, as esmolas do povo aos míseros benefícios que recebem da Caixa.

Na Capital da República ainda existem aposentados recebendo mil cruzeiros mensais. A CAPFESP (Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados nos Serviços Públicos) que possui cerca de 400 mil contribuintes, não reajustou até hoje as aposentadorias e pensões ao novo salário mínimo, conforme manda a Lei. O mais grave, porém, é que não se sabe quando o reajustamento será feito. A CAPFESP tem mais de 11 bilhões de cruzeiros para receber das entidades governamentais e particulares, mas, porque não os recebe e porque não dispõe de 154 milhões de cruzeiros mensais para reajustar os benefícios dos seus segurados.

A situação da CAPFESP e de seus segurados é tão séria que as entidades sindicais tem número de 13 cujos associados são vinculados a ela, unanimes e organizaram, há mais de um ano, a Comissão Intersindical de Defesa dos Segurados da CAPFESP. Essa Comissão, presidida pelo comandante Ernesto Fonseca, vem desenvolvendo intensa atividade junto às autoridades, visando a garantia dos interesses dos trabalhadores e de suas famílias, e a moralização da sua instituição de Previdência.

Assembleias e manifestações públicas vêm sendo realizadas em todo o país, na campanha pela recuperação da CAPFESP. Graças a essa intensa movimentação, as massas atingiram vitórias já foram conquistadas, dentre elas o aumento da verba do Fundo Único da Previdência Social de 38 para 100 milhões de cruzeiros, a melhoria do serviço de assistência médica e hospitalar no Distrito Federal, o acordo para pagamento das dívidas de algumas empresas de aviação, e os 80 milhões de cruzeiros que serão pagos pelo Tesouro Federal. Esses fatos foram citados pelo comandante Fonseca, na grande manifestação que se realizou na semana passada no auditório do Ministério do Trabalho. Nessa mesma oportunidade, o ministro Fernando Nogueira, falando aos aposentados e aos dirigentes sindicais, prometeu-lhes assegurar mais uma verba de 20 milhões de cruzeiros, a fim de se efetuar o reajustamento dos benefícios.

A verdade, entretanto, é que as medidas até agora tomadas pelas autoridades ainda não permitem o reajustamento das aposentadorias e pensões. Para tanto, segundo nos informou o comandante Ernesto Fonseca, a CAPFESP necessitaria de ter a sua receita acrescida de 154 milhões de cruzeiros, e os recursos que lhe foram concedidos não chegam a isso. Da verba do Fundo (100 milhões de cruzeiros) apenas cerca de 30 milhões poderão ser destinados ao reajustamento das pensões. Este, com mais os 80 milhões do Tesouro Nacional e os 20 milhões prometidos pelo Ministro, dariam um total de 150 milhões, o que ainda é insuficiente. Além do mais, como a autorização para pagamento dos 50 milhões não é muito clara, alguns dirigentes sindicais tem dúvida se essa quantia será paga mensalmente, como

parte da total de mais de 500 milhões de cruzeiros que a CAPFESP tem para receber do Tesouro Nacional, ou se é apenas um pagamento, sem compromisso do recolhimento de idênticas cotas mensais, até a cobertura total da dívida. Contudo, os recursos atuais não chegam para reajustar os benefícios, e muito menos para fazer face ao pagamento dos atrasados desde janeiro corrente.

ONDE ESTÁ O DINHEIRO

Como já assinalamos, a CAPFESP tem mais de 11 bilhões de cruzeiros para receber. As empresas de aviação comercial devem mais de um bilhão de cruzeiros à referida autarquia. A Cruzeiro do Sul, por exemplo, no período de novembro de 1948 a novembro de 1957, acumulou uma dívida de cerca de 100 milhões de cruzeiros. Destes, Cr\$ 8.306.000,00 são referentes a empréstimos simples; Cr\$ 16.166.767,50 referentes a empréstimos imobiliários; e Cr\$ 3.337.138,00 referentes a empréstimos de fundo. Os trabalhadores fizeram essas empréstimos à CAPFESP, e os pagaram em parcelas mensais, em descontos na folha de pagamento. A Cruzeiro do Sul, que era apenas intermediária, ficou com o dinheiro, empregando em seus negócios, e deixou a CAPFESP a ver navios. Aliás, a quantia de dinheiro de empréstimos, que as companhias de aviação receberam dos seus empregados e não entregaram à CAPFESP, vai a mais de 90 milhões de cruzeiros. As demais empresas, inclusive as da Rede Ferroviária, agem de maneira idêntica. Isto é: não pagam as suas próprias cotas, e ainda se apropriam do dinheiro descontado dos trabalhadores que é destinado aos cofres da CAPFESP. É um verdadeiro caso de polícia.

Mas o Governo, para evitar que as empresas faltosas fossem processadas por crime de apropriação indébita, concedeu-lhes prazos sobre prazos para que as mesmas saldasses as suas dívidas. A atitude criminosa do Governo levou a CAPFESP às portas da falência, e poderá determinar a eclosão de uma greve nacional, se dentro de certo prazo não forem regularizadas as funções assistenciais da entidade.

Os dirigentes sindicais, que há mais de um ano vêm procurando solucionar o problema através de entendimento com as autoridades, estão chegando à conclusão de que conversa não é suficiente. A campanha de esclarecimento que vem sendo desenvolvida pela Comissão Intersindical, através da realização de assembleias e de atos públicos em todo o país, tem como objetivo preparar os trabalhadores para a eventualidade de uma greve nacional de protesto. Na Comissão Intersindical estão representadas 13 entidades, entre as quais a Federação Nacional dos Ferroviários, Federação Nacional dos Radiotelegrafistas, Federação Nacional dos Trabalhadores em Cartas Urbanas, Federação Nacional dos Empregados em Empresas Urbanas, e os Sindicatos Nacionais dos Aeronautas e dos Aerovianos. Estas entidades e seus filiados se encontram empenhados na recuperação da CAPFESP e não escondem a sua disposição de promover a paralisação de suas atividades em todo o território nacional, como sinal de protesto contra o descaso do Governo pelos direitos dos trabalhadores.

DEFENDE TEU DIREITO

8 CALHEIROS BOMFIM

Correspondência para Rua São José, 50

Doméstico

Aquêles que prestam serviços de natureza não econômica à pessoa, no âmbito residencial desta ou em atividades sem fins lucrativos, são considerados domésticos, e estão, assim, fora de proteção da legislação do trabalho. E' o caso, por exemplo, das empregadas em casas familiares, dos motoristas de carros particulares, dos trabalhadores em sítios cuja produção se destine exclusivamente ao uso do proprietário e sua família. E' lamentável que se conserve no mais completo abandono, — tanto trabalhista como previdenciário, — os que se empregam em tais atividades. Mas a verdade é que só com leis específicas, estendendo, pelo menos, alguns dos dispositivos da legislação trabalhista à estas classes de servidores, poderiam os mesmos ser retirados da situação de marginais em que são mantidos. A Consolidação das Leis do Trabalho já abriu exceção para os empregados em instituições de beneficência, associações recreativas e andorças, amparando-os apesar de não terem tais entidades fins lucrativos. Cumpre, pois, ampliar alguns desses direitos aos servidores que continuam sem qualquer proteção das leis sociais.

Duração do trabalho

O limite máximo da jornada de trabalho é de oito horas diárias, havendo atividades em que essa duração é ainda inferior, tais como jornalistas (5 horas), bancários (6 horas), cabineiros (6 horas), telegrafistas (6 horas). Entre duas jornadas de trabalho haverá um período mínimo de onze horas para descanso, assegurado, ainda, a todo empregado um recesso semanal de 24 horas consecutivas, que deverá recair nos domingos, salvo nos casos expressamente previstos em lei. Nas empresas que exijam serviços nesses dias destinados ao descanso, o trabalho será efetuado mediante escala de revezamento, com prévia autorização do Ministério do Trabalho. Em todo trabalho cuja duração exceda de seis horas, é obrigatória a concessão de, no mínimo, uma hora para repouso ou alimentação, não podendo, porém, esse intervalo ultrapassar de duas horas. Se o trabalho continuo for inferior a seis horas, mas superior a quatro, o empregado é obrigado a

assegurar ao empregado um descanso de quinze minutos, sempre que se completar metade do horário de trabalho. O empregado, normalmente, não está obrigado a prestar serviços nas horas destinadas a repouso ou alimentação. As horas extraordinárias trabalhadas, entendidas como tais aquelas que excederem de sua jornada de trabalho, são remuneradas, pelo menos, com o acréscimo de 20% sobre o valor da hora normal. Remuneração superior a essa pelo trabalho extra só é possível se se tratar de serviço noturno (25%) ou se as partes tiverem feito acordo estipulando expressamente, para esse fim, percentagem maior. Não pode o empregado exigir que o empregador lhe dê serviços extraordinários. Da mesma forma, não pode o empregado ser obrigado a prestar serviço além de seu horário normal, a não ser em caso de "necessidade imperiosa", para atender à realização ou conclusão de serviços inadiáveis cuja inexecução possa acarretar prejuízo manifesto. Já nesses casos, isto é, quando a prorrogação do expediente é de aceitação obrigatória pelo empregado, a remuneração da hora será, pelo menos, 25% superior à da hora normal, e o trabalho não poderá exceder de doze horas. Diz a lei, ainda, que sempre que ocorrer interrupção do trabalho, resultante de causas acidentais, ou de força maior, que determinem a impossibilidade de sua realização, a duração do trabalho poderá ser prorrogada pelo tempo necessário até o máximo de duas horas, durante o número de dias indispensáveis à recuperação do tempo perdido. Nos tempos de raciocinamento de energia, os Tribunais autorizam as empresas, que tiveram de paralisar ou reduzir suas atividades, a exigir, uma vez normalizado o fornecimento de energia elétrica, a prorrogação do trabalho diário até o limite de duas horas por dia, para compensação do tempo em que o s empenhados permaneceram inativos. Nulo é o acordo entre empregador e empregado, se feito com inobservância das disposições legais relativas à duração do trabalho. Não tem validade, — só para dar um exemplo — o ajuste pelo qual o empregado se obriga a trabalhar toda a jornada de trabalho sempre que a duração desta seja superior a quatro horas contínuas, sem qualquer intervalo para descanso.

GARANHUNS

Trabalhadores Preparam Semana De Reivindicações

GARANHUNS — PE (do Correspondente) — As entidades sindicais desta cidade estão desenvolvendo intensa atividade visando a realização da sua "Semana de Reivindicações", cuja finalidade principal é exigir o pagamento do salário mínimo de 3.200 cruzeiros, em vigor a 1.º de janeiro, mas que até agora não tem sido pago. A "Semana" terá início na segunda quinzena de outubro ou na primeira de novembro, e em torno dela já se movimentam mais de cinco mil trabalhadores na cidade, através das assembleias preparatórias que vem sendo realizadas em suas entidades sindicais.

O movimento é liderado pelos Sindicatos dos Trabalhadores em Fibras Vegetais, Construção Civil, Sapateiros, Padeiros, Bancários e Empregados no Comércio, e conta com a solidariedade das entidades sindicais do Recife e dos municípios vizinhos.

LUTA CONTRA FOME — A "Semana de Reivindicações" se apresenta como um movimento de protesto contra a fome que assola os lares dos trabalhadores, sob o a-

Os patrões não pagam o salário mínimo e se recusam assinar as cartelas profissionais

uma esportação desumana. Embora o salário mínimo regional tenha sido fixado em 3.200 cruzeiros, há muitos trabalhadores, especialmente entre os quais pedreiros, pedreiros, etc., recebem salários de dois mil cruzeiros mensais. Os que não têm pagamentos recebem muito menos. A vida dos trabalhadores que há era marcada por grandes dificuldades, tornou-se ainda mais difícil, uma

vez que tudo foi aumentado depois da decretação do novo mínimo, e os seus salários continuam os mesmos de antes de janeiro.

A situação dos trabalhadores de Garanhuns se tornou ainda mais difícil em virtude da sistemática negativa dos patrões em reconhecer os dispositivos das Leis Trabalhistas. As cartelas profissionais não são assinadas. Os descontos para os Institutos não são feitos. Nestas circunstâncias, os operários vivem completamente desamparados. Há patrões que chegam ao absurdo de jogar na rua todos os seus empregados que reclamam a assinatura na Cartela Profissional.

Para reclamar das autoridades municipais, estaduais e federais medidas energéticas destinadas a assegurar o cumprimento das Leis Trabalhistas em Garanhuns, e para exigir dos patrões o pagamento do salário mínimo de 3.200 cruzeiros, é que os trabalhadores se preparam para as grandes manifestações que serão realizadas durante a sua "Semana de Reivindicações".

I Congresso dos Trabalhadores do Maranhão

Está programado para realizar-se de 13 a 15 de novembro próximo o I Congresso dos Trabalhadores do Maranhão. D'ato é convocado por dezenas de entidades sindicais maranhenses, e está destinado a desempenhar importante papel na atividade organizativa e reivindicatória dos trabalhadores daquele Estado. O Congresso obedecerá ao seguinte tema: Salário e Custo de Vida — a questão salarial, problemas do abastecimento e controle dos preços; Organização Sindical — liberdade sindical, fortalecimento da unidade sindical; Legislação Trabalhista — reforma da Consolidação das Leis do Trabalho, direito de greve, Justiça do Trabalho; Previdência e Assistência — Lei Orgânica da Previdência Social, situação dos Institutos e Caixas do Estado, o SAPS e o SANDU no Maranhão, construção da casa própria; Situação Econômica do Maranhão — amparo e assistência à lavoura e à pecuária, reforma agrária, defesa do babaçu e de outras riquezas nativas.

Medida De Salvação

BORRACHA NACIONAL

PARA A

INDÚSTRIA NACIONAL

Todo um ramo da indústria nacional — centenas de fábricas e milhares de operários — está atravessando gravíssima crise, em consequência da ofensiva conjugada de elementos entreguistas do governo e dos trustes estrangeiros da borracha. Se medidas adequadas não forem imediatamente tomadas pelo governo, é certo que o exército de desempregados será engrossado por milhares de trabalhadores e o capital imperialista ficará ainda mais suas garras num importante setor da economia nacional.

OS DOIS SETORES

A indústria da borracha no Brasil acha-se dividida em dois setores nitidamente delimitados. De um lado estão cinco grandes fábricas de pneumáticos e câmaras de ar, das quais três americanas, uma inglesa e uma italoamericana, que absorvem 85 por cento da borracha atualmente consumida pela indústria de transformação no país; do outro, cerca de 290 empresas, médias e pequenas que constituem a chamada indústria leve, cujo consumo de borracha não vai além de 15 por cento do consumo anual.

Estas percentagens, por si sós, evidenciam o caráter monopolista da indústria da borracha no Brasil e a situação de completa desvantagem da indústria leve — nacional — em face da indústria pesada. Desta última, voltaremos a ocupar-nos em outra reportagem. Vejamos, aqui, mais de perto, a situação da indústria leve.

INDÚSTRIA COMPE-TITIVA

Os entreguistas costumam alegar contra a indústria nacional seu caráter supostamente mar-

Ofensiva Conjugada Dos Trustes e Dos Entreguistas do Governo Criou Grave Crise em Importante Setor da Economia do País — De um Lado, Cinco Trustes Estrangeiros; do Outro, Mais de 290 Pequenas e Médias Empresas Nacionais — A Extinção do Monopólio Das Importações — Unida a Indústria Leve em Defesa Dos Seus Direitos

ginal. Em outras palavras: afirmam que numerosas empresas nacionais não produzem em condições econômicas, não podem concorrer com indústrias congêneras estrangeiras e por isso só se mantêm artificialmente, graças às subvenções governamentais. Entretanto, no que se refere às empresas nacionais de artefatos de borracha, tal argumento é falso. Sabe-se, com efeito, que as empresas estrangeiras de pneumáticos também possuem linhas de fabricação de artefatos. Dadas as proporções dos seus investimentos, seria de esperar que pudessem vender seus produtos a menores preços que as pequenas e médias indústrias nacionais. Tal, porém, não sucede: artigos como correias para ventilador de automóveis, solados e saltos de borracha, adesivos, colas, cabos elétricos, material para recauchutagem e muitos outros — produzidos pelas pequenas e grandes empresas — não raro são vendidos mais barato pelas primeiras.

Assim, mesmo do ponto-de-vista apenas de custo de produção e do preço de vendas, é de todo interesse para o país manter e fomentar essas pequenas fábricas. Em pouco mais de dez anos, o setor nacional da indústria da borracha cresceu e prosperou, possuindo hoje um capital registrado de mais de um bilhão de cruzeiros e realizando um movimento anual de vários bilhões. De mais de vinte mil operários ocupados na indústria da borracha, uns 12 mil — mais de metade — trabalham nas fábricas médias e pequenas.

Por esses números pode-se ver a gravidade da situação que se criaria, caso os trustes conseguissem seu intento de livrar-se da indústria nacional.

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial e cessaram as exportações da borracha amazônica para os Estados Unidos, o Banco de Crédito da Borracha, entidade criada para incrementar a produção, viu-se de posse de elevados estoques do produto. Por essa época, as fábricas em funcionamento no Brasil tinham um consumo muito inferior à produção alcançada na Amazônia. Enfrentando o problema, o Banco da Borracha fomentou por todos os meios o surgimento de fábricas nacionais de artefatos de borracha, ao mesmo tempo em que adotava uma política de contenção da produção. Entre 1945 e 1950, o quadro que se apresenta é o seguinte:

Ano	Produção	Consumo
1945	30.591	7.714
1946	30.973	13.688
1947	32.931	15.281
1948	25.206	16.512
1949	26.770	20.225
1950	23.132	23.981

Por esse quadro verifica-se que enquanto a produção permanecia estacionária ou decrescia, processo inverso dava-se com o consumo. Já em 1950, a produção era ultrapassada e o resultado foi que em 1951 surgiu a necessidade da importação de borracha para complementar a produção nacional. Em 1952, com a lei 1.181, era o Banco de Crédito da Borracha transformado em Banco de Crédito da Amazônia S.A., ao qual foi conferido o monopólio das operações finais de compra e venda da borracha, no Brasil, in-

clusivo o monopólio das importações.

DESENVOLVE-SE A INDÚSTRIA

A política seguida pelo sucessor do Banco da Borracha continuou a mesma: de estímulo à industrialização do produto. Estoques eram mantidos pelo banco nos maiores centros consumidores do país, dispensando os industriais da mobilização de capitais na manutenção dos estoques. Ao mesmo tempo, dado o fato da produção nacional ser inferior ao consumo, foram fixadas cotas de borracha para a indústria.

COTAS PARA A INDÚSTRIA

A medida que a produção nacional e o consumo se distanciavam, foi-se agravando o problema das cotas para a indústria, fixadas de acordo com uma percentagem sobre o consumo de cada empresa. Assim, se a produção nacional atingisse apenas 60 por cento do consumo, também essa seria a percentagem de borracha nacional designada para compor a cota total de cada indústria. Os 40 por cento restantes seriam completados pelo produto importado. Última-

mente a percentagem de borracha nacional foi consideravelmente reduzida: passou de 46% para 20,2%. Para isto contribuiu em grande medida a entrada no país de outro poderoso truste americano de borracha, a Goodrich, com linha de produção pneumáticos, câmaras de ar e artefatos, em geral.

OS DOIS GOLPES

Tal situação foi agravada ao extremo com duas medidas adotadas à época em que o entre-

preneur Lucas Lopes ocupava o Ministério da Fazenda. A primeira dessas medidas consistiu em retirar a borracha da relação de produtos com direito ao câmbio de custo (câmbio pelo qual são comprados produtos de alta essencialidade, como o trigo, o petróleo, etc.). Em consequência, o Banco da Amazônia viu-se em face de um sério problema: onde obter cruzeiros para pagamento de ágios elevadíssimos para a compra de borracha no exterior. Este problema persiste sem solução, com os piores reflexos sobre a economia nacional.

A segunda medida, da qual a primeira não foi senão a preparação, consistiu na supressão do monopólio para a importação, que foi liberada, legalmente, através do decreto 44.728, de outubro de 1958, foi revogada um dispositivo essencial da lei 1.181, votada pelo Congresso e sancionada pelo então presidente Getúlio Vargas.

FAZENDA DE RECURSOS

Aparentemente, tanto os trustes como as indústrias nacionais estão igualmente situados em relação à possibilidade de importação. De fato, isto não sucede: enquanto os primeiros dispõem de vultosos recursos e de toda uma série de facilidades para importar o produto, os industriais brasileiros, salvo, talvez, duas dezenas, não estão em condições de fazê-lo. Uma indústria de São Paulo, para comprovar a dificuldade que atravessa, facilitou-nos o seguinte quadro, pelo qual se pode ver a imobilização de capital exigida para dotar a empresa da matéria-prima necessária para seu funcionamento:

Agios correspondente a 10.000 dólares	Cr\$ 1.565.000,00
Solo para pagamento da PVC ao B. do Brasil	Cr\$ 12.520,00
Comissão de corretagem	Cr\$ 5.868,00
Frete e seguros (pelo câmbio livre)	Cr\$ 91.913,30
Dólar e despesas de fechamento de câmbio	Cr\$ 231.189,40
Alfândega e frete para São Paulo	Cr\$ 141.096,50
TOTAL	Cr\$ 2.053.586,30

Assim, para comprar 10 mil dólares de borracha estrangeira (aproximadamente 15 toneladas), esse industrial tem de gastar mais de dois milhões de cruzeiros, dos quais cerca de 1 milhão e 600 mil ficaram imobilizados durante setenta dias. Isto é, desde o pagamento dos agios, até a recebimento do produto em sua empresa. Poucas são as indústrias em condições de arcar com tais despesas. O resultado é que a grande maioria ou funciona muito abaixo de sua capacidade, ou resolve cerrar as portas à espera de melhores dias.

Esta é a situação, em São Paulo, no Distrito Federal e no Rio Grande do Sul.

BORRACHA NACIONAL PARA A INDÚSTRIA LEVE

Para fazer frente, de imediato, à presente conjuntura, os industriais nacionais estão re-

vindando do governo que atenda às cotas estabelecidas para eles com a borracha produzida no país. Quanto à indústria pesada, estrangeira, receberá a parte da produção nacional excedente das necessidades da pequena indústria, complementando seu consumo com a borracha importada.

De imediato, esta será uma solução. Por ela já se manifestaram oficialmente os sindicatos de industriais do Rio e São Paulo e a Associação das Indústrias de Borracha de São Paulo, sendo certo que os fabricantes ganhos comungam do mesmo ponto-de-vista.

Esta medida de bom-senso tirará das dificuldades atuais a indústria nacional. Entre os industriais, a expectativa é de que o governo adotará a medida, como primeiro passo para uma solução de fundo do problema.

NOTA ECONÔMICA

O SALÁRIO MÍNIMO E O CUSTO DE VIDA

O confronto das cifras de conjuntura Econômica relativas à Capital paulista aliás é a prova fácil de que o panorama da carência não constitui exceção do Distrito Federal. E elas podem ser observadas sob um outro aspecto: o da relação entre o salário mínimo e o custo de vida. Ver-se-á então, reconhecido finalmente, que as alíquotas do salário mínimo continuam acompanhando muito mal o custo de vida, pois o salário real dos trabalhadores está sempre decrescendo. Eis o que resulta, por exemplo, se considerarmos como base (100) o poder de compra do cruzeiro em 1954, e a partir dele construirmos o salário real dos trabalhadores paulistas, segundo os dados da Conjuntura Econômica:

Salário mínimo mensal (de julho)	Índice de custo de vida (de julho)	Salário mínimo real	Índ. de salário real
Julho de 1954	100	2.500	100
Julho de 1956	116	2.125	85
Julho de 1958	136	1.838	73
Julho de 1959	150	1.667	67
Maio de 1959	157	1.592	64

Como se vê, os aumentos de salário sempre chegam atrasados em relação ao custo de vida, e logo são devorados e ultrapassados por este. O aumento de janeiro deste ano apenas reconstituiu o salário de 1954, mas já no mês de maio estava superado. Este dado de maio é o último registrado pela revista, para a cidade de São Paulo. Mas se considerarmos como válida para São Paulo uma média mensal de P. de aumento — ainda inferior à observada no Rio — para os quatro meses decorridos desde então, até setembro, vemos que o salário mínimo já perdeu 20% do seu valor de janeiro, o salário real, em julho, sendo de 54 e inferior a Cr\$ 1.800, e a perda de substância do atual salário mínimo ao fim do ano, como no Rio, será superior a 30%.

Para recompor o poder de compra dos Cr\$ 6.000 contidos em janeiro, já no fim de setembro era necessária um salário mínimo não inferior a Cr\$ 8.500. Isto é o que está implícito nas cifras oficiais da Conjuntura Econômica. Os trabalhadores já sabem disso, há muito tempo.

RENATO ARENA

É certo que os trabalhadores não precisam esperar a publicação de dados estatísticos, para saber que estão sendo vítimas de um novo surto de carência, que os seus anseios e salários perdem substância. O que ocorre é exatamente o contrário. Os serviços de estatísticas existentes do Governo ou de particulares, porque refletem os interesses das classes favorecidas pela inflação e não se deixam fiscalizar por representantes da classe trabalhadora, tendem sempre a minimizar os efeitos da desvalorização da moeda, e se os acusam na medida em que os movimentos de produção dos trabalhadores lhes foram impositivos e concluídos.

Este é o caso da reportagem que estamos elaborando para Fundação Getúlio Vargas, e regularmente publicada aqui, sobre a situação, a revista Conjuntura Econômica. E por isso o mesmo interesse registar os dados fornecidos por esta publicação, quando eles indicam um agravamento, aliando-os aos dados de conjuntura populacional, desde que se constatarem oficialmente, para a cidade paulista, empurrando à frente.

Em seu número de setembro a Conjuntura Econômica presta um importante serviço. Incluindo as suas cifras e todos relativos ao mês de agosto a revista trouxe para o primeiro mês deste ano, o custo de vida, o custo da alimentação e o preço do conjunto de bens essenciais, o consumo forçado para a população e, por conseguinte, a médias mensais superiores, respectivamente, a 7 e a 12. Sendo mantida esta média

	Alimentação	Total
Janeiro-agosto	41,3%	35,7%
Agosto	8,1%	5,1%
Média mensal	7,1%	4,2%
Previsão para os 12 meses de 1959	6,2%	3,6%
De agosto de 1958 a agosto de 1959	52,9%	41,9%

até dezembro. Durante todo o ano o custo de alimentação terá enriquecido de mais de 50%, e o chamado custo mínimo vital, ou seja, o custo de 30%, o que é o mínimo que pode se pagar por cinco refeições diárias, enriquecerá para 45% doze meses decorridos entre agosto de 58 e agosto de 59, e o surto inflacionário se continua ainda mais neste fim de ano.

Estas cifras correspondem ao Distrito Federal mas é sabido que o custo nos demais centros urbanos de País sempre acompanhará de perto a Capital da República. Eis o triste quadro que se constata com estas:

As Eleições Municipais No Rio Grande Do Sul

OTTO ALCIDES OHLWEILER

No próximo dia 8 de novembro, realizar-se-ão, em todos os municípios do Rio Grande do Sul, eleições para a escolha de novos prefeitos e vereadores. A campanha eleitoral em curso representa, indubitavelmente, um importante acontecimento na vida política do Estado. O eleitorado será convocado para escolher seus representantes às funções públicas eletivas de mais direto contato com o povo. Os diversos partidos e agrupamentos políticos desenvolvem intensa atividade para manter ou assegurar-se de posições nos municípios, certos de que tais posições são de grande importância como pontos de apoio para a obtenção de suas pretensões hegemônicas na esfera estadual. Um outro aspecto altamente significativo da campanha eleitoral é que ela se realiza concomitantemente com o processo de polarização das forças políticas estaduais com relação ao pleito presidencial de 1960.

O quadro político estadual dentro do qual se vão ler as eleições municipais é bastante complexo. Há, entretanto, determinadas características gerais que precisam ser devidamente consideradas. Nas eleições de outubro de 1958, sucedeu a governança do Estado o sr. Leonel Brizola, candidato do PTB, que contou com o apoio do PSP, do PRP e dos comunistas. Em consequência da derrota sofrida, a Frente Democrática aliança de partidos integrados pelo PSD, PL e UDN, entrou em desagregação.

O reagrupamento das forças políticas no Estado vem sendo também influenciado com a aproximação da campanha da sucessão presidencial. Uma ala do PTB, a ala Ferraz-Loureiro, se destaca cada vez mais para posições reacionárias, tudo indicando que terminará apoiando, no plano nacional, o candidato das forças centristas, Jânio Quadros à Presidência da República. Além disso, o PTB, em numerosos municípios, cenário de serias dissidências, umas surgidas com a prática do mandamento nas áreas locais e outras simplesmente motivadas por interesses de grupos. Mas, de qualquer maneira, o PTB continua sendo o partido mais forte no Estado, o partido de maior influência nas grandes massas (trabalhadoras e populares). De outra parte, duas forças aliam-se gradativamente ao PSD, uma delas, a que pretende o deputado estadual Heitor Carmona, inclinada a dar seu apoio à candidatura de Mal-

Lott, lançada nacionalmente pelo PSD, e a outra, a ala Peracchi, vinculada ao lacerdismo e sabidamente janista. O PDC vem ganhando alguma força especialmente devido ao apoio dos setores mais direitistas, tanto leigos como eclesásticos, da Igreja Católica, e, em grande parte, a custa do PRP, do PDC, do PL, da UDN e a ala peracchista do PSD constituirão, no Estado, o agrupamento reacionário em que se apoiará a candidata turca Jânio Quadros. O PSP continua na coligação populista, mas vem perdendo substância — uma recente dissidência custou a perda de uma das duas cadeiras que detinha na Assembleia Legislativa — a medida em que se vai apagando a estrela de Ademir de Barros. Tanto o PSP como o PRP não têm posição fixada no local à sucessão presidencial. O PR segue se estruturando em novos municípios e congregando elementos progressistas vinculados ao movimento nacionalista.

As próximas eleições municipais representarão um importante teste para o governo trabalhista do sr. Leonel Brizola. E, de certa forma, para o movimento nacionalista, dadas as posições que o sr. Leonel Brizola tem tomado com relação à questão do capital estrangeiro e à política econômico-financeira do governo federal predominantemente voltada para os interesses dos grupos financeiros estrangeiros.

O sr. Leonel Brizola foi eleito por uma ampla frente popular, que lhe garantiu uma diferença a seu favor de quase 200 mil votos. Uma das questões que está em jogo e a de saber se a coligação popular vitoriosa em 1958 vai ou não manter a preferência maciça do eleitorado gaúcho. Na decisão do eleitorado, vão pesar fortemente as realizações e posições políticas do atual governo estadual trabalhista e as crescentes dificuldades impostas ao povo com a carestia da vida.

Em seus poucos meses de atuação, o governo do sr. Leonel Brizola tomou algumas iniciativas de real interesse público, como a emancipação da CEERG (subsidiária da Bend and Sney), a defesa dos ferroviários na reversão da Viação Ferreira à Rede Nacional, a ampliação das matrículas para as crianças em idade escolar, etc. Mas, o intervencionismo da produção e a população em geral, especialmente os trabalhadores, enfrentam enormes dificuldades. As administrações municipais vivem em luta permanente pe-

la liberação das verbas correspondentes às taxas de retorno. A falta de crédito à indústria determinada pela errônea política econômico-financeira do governo federal cria obstáculos insuperáveis a um grande número de empresas fabris, que são obrigadas a reduzir seu ritmo de produção ou mesmo fechar, surgindo o desemprego. Finalmente, a carestia da vida atinge toda a população e a falta de medidas concretas da parte do poder público para deter a alta vertiginosa dos preços gera o descontentamento mais generalizado.

O sr. Leonel Brizola se esforça por demonstrar à opinião pública que a responsabilidade maior pela situação cabe ao governo central, exigindo energicamente uma reformulação da política econômico-financeira do governo federal, embora não precise claramente as linhas mestras a que deveria obedecer, no tocante a certos problemas fundamentais, não tomando posição definida, como no caso das relações com todos os países, que é, aliás, um ponto do próprio programa do PTB. Ainda, cabe salientar a corajosa atitude adotada pelo sr. Leonel Brizola garantindo o direito de livre manifestação, quando recentemente o sr. Juscelino Kubitschek, pressionado pelos setores reacionários interessados em quem a candidatura Lott apurou com medidas de restrições à legalidade democrática sob o pretexto de ameaças à ordem pública.

Em compensação, a oposição estadual faz o máximo esforço por identificar o PTB com a política do governo federal, apresentando-o como o responsável pela situação que atravessa o país e responsável direto pela situação no Estado. O objetivo dos partidos da oposição é capitalizar o descontentamento popular e, assim, atrair as simpatias do eleitorado, não somente com vistas às próximas eleições municipais, mas também às eleições presidenciais.

Excepcionalmente importante no conjunto da campanha eleitoral e o pleito na capital, que reúne mais de 210 mil eleitores, e onde o sr. Leonel Brizola venceu com margem superior a 71 mil votos. O candidato do PTB é o deputado Wilson Vargas, que desempenha destacado papel na emancipação da CEERG e vem fazendo sua campanha na base da pregação nacionalista. Tem o apoio do PSP, PR e PRP. Há ainda dois outros candidatos, Luit, o sr. Loureiro da Silva (ata) de uma ala dissidente do PTB, que concorre sob a legenda

do PDC com o apoio do PL e da dissidência lenista. A terceira candidatura é a do sr. Ari Delgado, do PSD, que tem o apoio da UDN e do PSB, mas que fortes grupos desses partidos procuram retirar em favor do Loureiro da Silva.

É evidente que uma eventual derrota da candidatura Wilson Vargas seria apresentada pelos porta-vozes do imperialismo norte-americano como uma prova de desconfiância do esclarecido eleitorado porto-alegrense não apenas à administração do atual governo estadual trabalhista, mas particularmente às posições democráticas e nacionalistas por ele assumidas. Além disso significaria a perda de um importantíssimo bastião político, a prefeitura de Porto Alegre, para as mãos daquelas forças que, no Estado, apoiarão o candidato do entretimento a Presidência da República, sr. Jânio Quadros. A tarefa das correntes populares e nacionalistas da capital é, pois, impedir que isso venha a ocorrer.

Não obstante as dificuldades anticomunistas impostas ao movimento comunista, os comunistas participam ativamente da campanha eleitoral, cumprindo um dever cívico e rompendo a oportunidade que se abre para um melhor esclarecimento político do povo e uma maior integração deste nas lutas pela emancipação nacional do jugo do imperialismo norte-americano. Os comunistas apoiarão os candidatos a prefeito capazes de contribuir para o encontro de soluções nos problemas mais angustiados das populações dos municípios e que, do ponto de vista da política nacional, se dispõem a marchar com o candidato das forças nacionalistas ao pleito presidencial. Em geral esta caracterização corresponde aos candidatos apresentados pelo PTB. No tocante às eleições para vereadores, os comunistas terão a oportunidade de votar, no município mais importante e de maior concentração operária, em candidatos que, de há muito anos, vêm participando das lutas apoiadas pelo movimento comunista. A eleição desses candidatos e uma tarefa da mais alta importância tanto para o fortalecimento do trabalho de frente única como para impulsionar a nossa atividade política geral no Estado.

Para obter êxito na campanha eleitoral e indispensável a realização de um intenso trabalho junto ao eleitorado. A propaganda eleitoral dos candidatos por nós apoiados deve dar ênfase especial às questões mais sentidas. Deve

destacar os problemas relacionados com a carestia da vida, o desemprego, a falta de gêneros, as dificuldades de transportes, etc. e ao mesmo tempo, assegurar que os nossos vereadores tomarão, nas Câmaras, iniciativas ao seu alcance capazes de beneficiar a população e o município, que exercerão constante vigilância na aplicação dos recursos públicos e que lutarão incansavelmente no sentido de que a administração municipal realize uma política progressista e popular. Mas, é preciso empregar a campanha eleitoral um cuíbo político mais amplo, popularizando as consignas do movimento patriótico e ant imperialista. O descontentamento do povo e o desejo generalizado em favor da implantação de uma nova política no país, o crescimento do movimento nacionalista, a existência de liberdades democráticas e a crescente força de atração das ideias do socialismo eis uma série de fatores altamente favoráveis que precisamos saber capitalizar no sentido da obtenção de expressiva votação para os candidatos apoiados pelos comunistas no pleito de novembro.

RADIO TV

«O ÔVO E EU»

Lembramo-nos do filme, estrelado, se não nos falha a memória, por Fred Mac Murray e do sucesso feito pela obra americana, completamento pelo êxito comercial da película. Não conhecemos a obra, mas do filme podemos dizer que era de fato engraçado, com situações bem achadas e magnificamente interpretadas. Procuramos resquícios dessa graça na versão que nos deu o Teatro Moinho de Ouro e, lamentavelmente, não encontramos. Defeito da adaptação? Sem dúvida. Agravado por uma direção falha, de pouca sensibilidade e pouco pulso na condução dos atores. O resultado foi um espetáculo monótono, arrastado, incolor. Cilo Costa (no papel criado no cinema por Fred Mac Murray), Auri Cabet, Elza Gomes (esta defendendo bem a sua parte) e Mário Lago, nos papéis principais. Bons cenários e boa direção de TV.

AINDA O CASO DA RADIO NACIONAL

Com o (pelo menos aparente) recuo do governo em seu propósito de transferir os canais e transmissoras da Nacional para Brasília, os funcionários daquela emissora não cessaram sua luta. Ao contrário, deram-lhe mais vigor, visando agora dois objetivos: a) a entrega da Rádio a uma Sociedade Anônima (em organização) formada pelos próprios empregados, conforme manda o Decreto-lei nº 9416; b) obtenção das divisas necessárias à compra de material para instalação da TV Nacional, Canal 2. E no que toca a esta segunda parte, realmente não se concebe que uma Rádio Globo, estação de segunda categoria, ou uma Rádio Continental, que faz um rádio extremamente limitado, possam montar suas emissoras de televisão e tal não seja permitido à maior estação de rádio da América do Sul. E unicamente porque o sr. Chateaubriand não quer.

PERO VAT

Conspiração Contra o Movimento Operário

(Conclusão da 5.ª página)

nacional, que deverão ser definidas em decreto do Presidente da República; a segunda visa reduzir de dois terços para um terço do total dos associados de sindicato o «quorum» para que a assembleia possa decretar a greve; finalmente, a terceira alteração estabelece que a greve só poderá ter a duração de vinte dias nas atividades fundamentais e de quarenta dias nas atividades acessórias, passando a ser considerada ilegal depois de decorrido esse prazo.

Fica claro que as novas concessões do sr. João Goulart significam nova capitulação. Assim é a luta: quando no campo da batalha uma força bate em retirada, cede terreno, o avanço do inimigo é inevitável.

Os trabalhadores, estranhando a atitude do vice-presidente da República, diante do atentado evidente que se pretende levar a efeito contra o sagrado princípio da liberdade sindical, assegurados pela Constituição. Sua atitude contradiz o Programa do Partido que preside e o, compromissos que assumiu diante do movimento operário e de todo o povo brasileiro. Não procede o argumento de que é preciso ceder para conquistar rapidamente a Lei de Greve. Os trabalhadores não deixam qualquer lei sem uma Lei que assegure de fato seus direitos. Também não procede o argumento de que o movimento operário é fraco, a correlação de forças é desfavorável, etc. O movimento operário já é bastante vigoroso. Por outro lado o sr. João Goulart é chefe de um dos mais prestigiados Partidos políticos existentes no Brasil, possui poder a bancada parlamentar, cinco governos estaduais, dois Ministérios, a direção das instituições de previdência social, conta com fortes aliados, etc. O que se torna preciso é ocupar sua posição firme, não captular, não ceder nas mãos, contrapor-se aos setores retrógrados que desejam fazer direitos elementares, da classe operária, visando neutralizar a ação positiva que o movimento operário vem exercendo, juntamente com as forças nacionalistas, em prol da total emancipação econômica e política do país.

Os trabalhadores continuam a sustentar a luta pela aprovação do projeto que regula o direito constitucional de greve adotado pela Conferência Sindical Nacional. Lutam contra a aprovação do substituto Jefferson de Aguiar. Não aceitam o projeto elaborado pela assessoria do vice-presidente da República, sem que antes sofra diversas modificações.

Os trabalhadores, em cada Estado e nacionalmente, se preparam para intensificar seus esforços jun-

to ao Senado e, posteriormente, junto à Câmara dos Deputados (que terá de pronunciar-se sobre o que for aprovado no Senado), objetivando impedir toda e qualquer restrição ao direito constitucional de greve e obter a aprovação de uma Lei que consigne os direitos inseridos no projeto original aceito pela Conferência Sindical Nacional, realizada em 1958. Os trabalhadores compreendem que é necessário e urgente revigorar sua luta unitária, superar a vacilação que domina certos setores e desbaratar a conspiração antidemocrática e antioperária.

MINEIROS DE SANTA CATARINA VÃO COBRAR A PROMESSA DO PRESIDENTE

Uma numerosa e representativa delegação do Governo, dos trabalhadores e dos patrões da indústria de carvão de Santa Catarina trouxe para o Rio, na semana passada, o debate sobre este problema que é muito esquecido nos planos e decisões do Governo Federal, mas que afeta diretamente a vida de 500 mil catarinenses: o problema do carvão (veja a «Nota Econômica»). A delegação foi chefiada pelo próprio Governador do Estado, Sr. Heriberto Hülse; a ela aderiram, nesta Capital, todos os deputados por Santa Catarina na Câmara Federal.

Com uma palestra pronunciada pelo Engenheiro Aníbal Bastos, Diretor executivo do Plano de Carvão Nacional, terça-feira, no Clube de Engenharia, a delegação catarinense iniciou o seu programa no Rio. A palestra, de informação sobre o problema, foi seguida de uma intervenção do Sr. Aldo Cidias Franco, Prefeito de Crissiuma — a capital do carvão — e de um debate aprofundado sobre a questão, para o qual haviam sido convidados economistas e responsáveis pelo Governo Federal.

No dia seguinte, incorporada, a delegação compareceu ao Palácio do Catete, para entregar ao Presidente da República o memorial contendo as reivindicações que, satisfeitas, afastarão as ameaças que pesam sobre centenas de milhares de brasileiros, numa rica região do País. Os catarinenses registraram devidamente a promessa do Presidente, de que determinaria o urgente estudo da matéria, para medidas imediatas que a solucionassem.

O programa seguiu-se no decorrer da semana, com visitas à Câmara e ao Senado, e a outros órgãos com possibilidade de influência na questão. Além do governador, acompanharam a delegação os deputados estaduais Walmor de Oliveira, Rui Hülse, Paulino Burigo, Fernando Viegas, Valdemar Sales, Ivo Montenegro e Wolney de Oliveira; os membros da Comissão Executiva do III Congresso dos Trabalhadores de Santa Catarina, e os Presidentes dos sindicatos de mineiros de Crissiuma, de Urussanga e de Lauro Müller e os prefeitos dessas cidades, bem como o Presidente do Sindicato dos proprietários de minas do Estado, representantes de sindicatos de estivadores e outras entidades interessadas, além do próprio Bispo de Tubarão — outra cidade mineira.

Quero Viver

GENNYSON AZEVEDO

Quero Viver (I Want To Live), reconstituindo um caso real volta a expor, em imagens, a tortura dos condenados à morte. O filme, dirigido magistralmente por Robert Wise, baseia-se numa série de artigos do jornalista Ed Montgomery. Os cenaristas Nelson Gillig e Don Mankiewicz desceram nos menores detalhes que antecedem a entrada do condenado na câmara de gás, fazendo antes uma recapitulação dos antecedentes de Barbara Graham e dos métodos policiais empregados para encobri-la como autora de um assassinio. Poucas vezes o cinema norte-americano ousou criticar tão duramente os métodos policiais, baseados na presença de três tribunais e delatores profissionais.

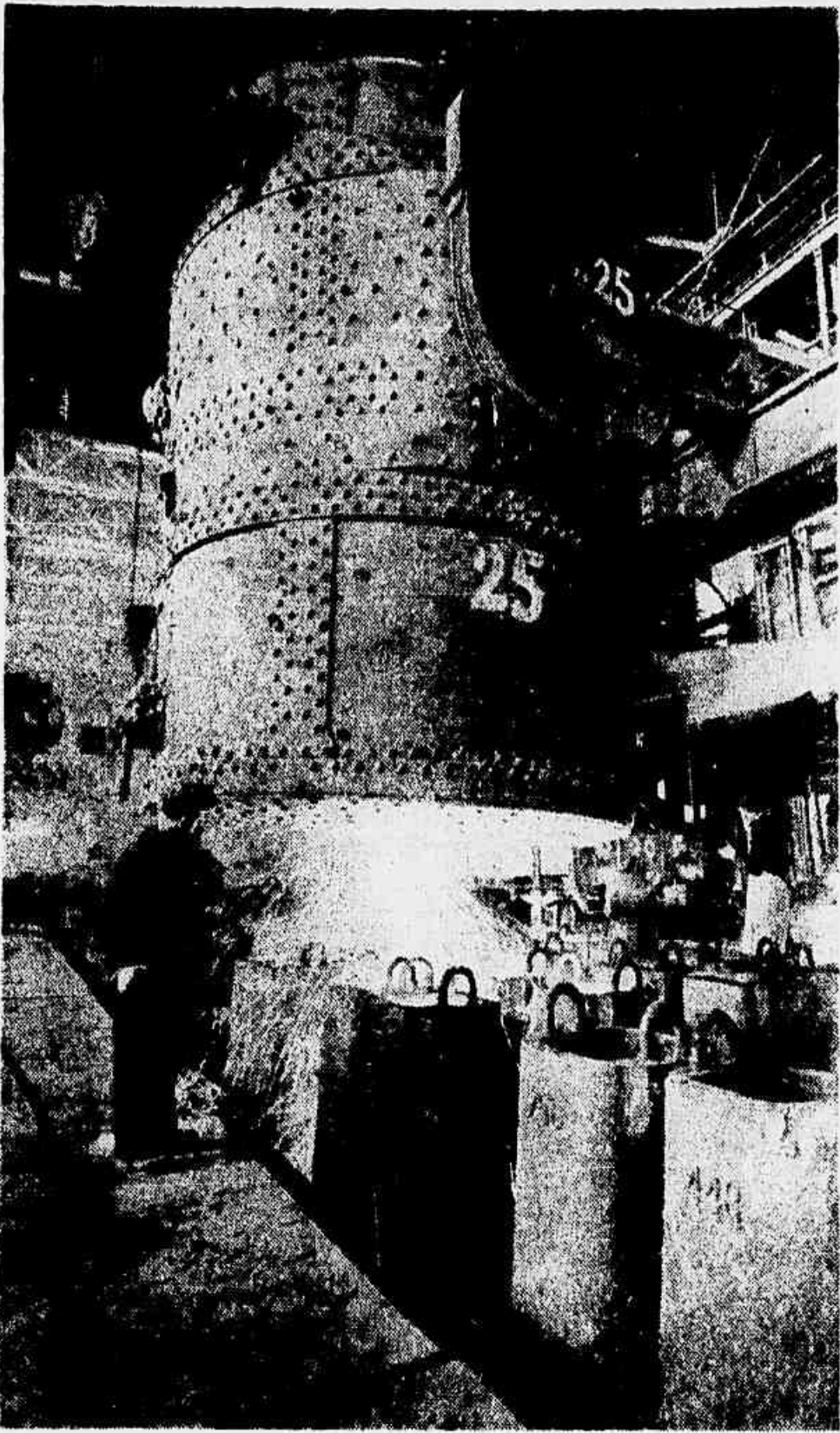
O chamado american way of life é mostrado em todos os seus aspectos negativos característicos. Barbara Graham, vivendo entre toxicômanos, jogadores, assassinos, contrabandistas, prostituições e bebendo passa, ainda jovem, para os delírios policiais. Cínica e dominada pelo desejo de viver intensamente, provocando agressivamente, constrói um mundo de prazer e felicidade a um universo, comovida, e de refúgio em suas primeiras femininas. Com estes antecedentes, nada mais fácil do que responsabilizá-la por um violento crime. De nada adianta a sua firme negativa — « não culpada » — para que perdesse tempo com investigações demoradas e dispendiosas? A condenação e o bárbaro ritmo dos que esperam, a hora da execução são enfrentados, ativamente pela mulher que no mundo do seu ser deseja ambientar-se a vida. Os últimos minutos de vida (podemos chamar de agonía) são passados sob as vistas de uma enfermeira solitária, farta e saborosa são as refeições, até no ritmo para diminuir a tristeza da esca da morte lhe é concedido. Paralelamente, a preparação da



Susan Hayward & "firas". A violência policial é igual em toda a parte.

câmara de gás, os condenados como os preparados matriciados, a alteração da hora para que o condenado não seja morto em segundo tempo antes ou depois da hora aprazada, a presença do telefone bem a mão, na expectativa da comunicação da pena. Finalmente, a hora fatídica é chegada, extra-se um tapete da cela até a câmara para que os prisioneiros não sejam feridos pelas portas. Um conjunto de jornalistas, autoridades, guardas e outros curiosos postaram-se diante da jaula da morte enquanto lentamente a vítima aspira a mistura letal. Tudo como um filme, mostrando, identificadamente, realidade.

Quero Viver é desce filmes que incomodam, angustiam, revoltam. Quero Viver provoca lágrimas em homens e mulheres, é um belo filme. Sob a frágil documentação da parte final ou do ritmo proxímico da descrição do ambiente que engendrou Barbara Graham existe uma mensagem de repugnância ao homicídio premeditado que é a pena de morte. Robert Wise é aqui tão populista como o foi André Cayatte em Somos Todos Assassinos. E que belo paralelo é Quero Viver! Com excelente Barbara Graham e Susan Hayward!



10.º ANIVERSARIO DA RDA

O Mais Ocidental Baluarte Do Campo Socialista

A 7 de outubro completou-se o décimo aniversário da fundação da República Democrática Alemã.

A RDA é a mais ocidental região do mundo onde está em construção o socialismo, com uma economia predominantemente socialista, organizando uma sociedade socialista.

Este fato possui uma enorme importância para a Europa. O povo alemão é conhecido tradicionalmente como um povo cheio de energia criadora, de vitalidade excepcional e de enorme capacidade de organização.

Na situação internacional presente, a República Democrática Alemã é um baluarte da paz no centro da Europa. Este fato é também inédito na sua história, embora a República Federal Alemã — a Alemanha Ocidental — venha se transformando num novo foco de guerra e de agressão.

justamente as medidas de caráter econômico postas em prática em proveito dos trabalhadores e do povo. São estes os beneficiários das formidáveis transformações por que passa a Alemanha Oriental, a República Democrática Alemã.

Ao mesmo tempo, cumprindo as disposições dos aliados na guerra contra o fascismo, levou-se a cabo nessa parte da Alemanha a desnazificação: os criminosos de guerra, os colaboradores de Hitler foram afastados dos postos de poder, enquanto na Alemanha Ocidental são precisamente eles que detem o Poder.

A República Democrática Alemã é uma garantia de que na Europa os imperialistas ocidentais-alemães e seus aliados imperialistas dos Estados Unidos, Inglaterra e França jamais conseguirão impunemente voltar as armas contra seus vizinhos, empunhando novas marchas para o Leste.

Características Econômicas

CALENDÁRIO DA RDA

A economia da República Democrática Alemã se encontra no período de transição do capitalismo ao socialismo. No estado existem três setores básicos da economia: o socialista, o do pequeno comércio e o do capitalista privado.

O principal lugar é o ocupado pelo setor socialista, que se reforça dia a dia, compreendendo as empresas estatais e cooperativas. Nas mãos do Estado se encontram as empresas do subsídio, as grandes companhias industriais, de transporte, as minas, o comércio exterior e o de gêneros alimentícios internos, assim como as principais posições no comércio exterior e na agricultura.

A propriedade das cooperativas é formada por cooperativas agrícolas de produção, de artesanato e de consumo.

O núcleo da indústria popular na República Democrática Alemã é constituído por empresas confiscadas aos monopólios alemães, aos nazistas e aos criminosos de guerra. No primeiro trimestre de 1951 o número de grandes empresas confiscadas atingiu a 1.000, cerca de 200 grandes empresas que depois da guerra haviam sido transferidas a sociedades sociais de ações formadas entregues pelo governo da URSS às autoridades alemãs. Em 1954 essa transferência estava terminada.

Grande importância para o desenvolvimento com êxito da economia da República Democrática Alemã teve a reforma agrária iniciada ainda em 1945 e concluída em 1950. Com a reforma, 2.189.999 hectares de terras nos pertencentes aos Junkers, barões feudais e latifundiários passaram às mãos

de 500.000 famílias de camponeses trabalhadores, operários agrícolas e deslocados da guerra. Criaram-se cerca de 210.000 novas economias camponesas. De acordo com o artigo 24 da Constituição da República Democrática Alemã, foi liquidada a propriedade privada sobre a terra de mais de 100 hectares e distribuída gratuitamente entre os seus herdeiros.

O setor do pequeno comércio compreende as pequenas empresas de propriedade privada, baseadas em geral no trabalho individual. Este setor abrange as economias dos pequenos e médios camponeses e de comerciantes varejistas. No entanto, a medida que se desenvolve o setor da economia socialista, com todas as suas imensas vantagens, o setor do pequeno comércio tende a diminuir e extinguir-se. Em geral, unem-se em cooperativas de tipo socialista.

O setor capitalista da economia da República Democrática Alemã compreende as empresas industriais privadas de caráter capitalista, economias de camponeses ricos (trão latifundiários), empresas capitalistas do comércio de gêneros alimentícios, empresas capitalistas de transporte (aquático e rodoviário).

A política econômica seguida pela República Democrática Alemã impede o desenvolvimento do setor capitalista privado pequeno e médio e escolhe a possibilidade de formação de grandes empresas capitalistas e sociedades monopolistas.

A passagem às mãos do Estado das bases da produção garante a possibilidade de planificação da economia popular, o que favorece o fortalecimento da economia socialista.

7-X-1949 — Fundação da República Democrática Alemã.

10-X-1949 — Transferência das funções da administração militar soviética ao governo da RDA.

Outubro de 1949 — Estabelecimento de relações diplomáticas entre a RDA e a URSS.

1-XI-1950 — Aprovação da Lei do Plano quinquenal de fomento da economia da República para o período de 1951-55.

25-III-1954 — Declaração do governo soviético sobre o reconhecimento da soberania da RDA.

6-VIII-1954 — Liquidação da Comissão de Controle soviético na Alemanha.

25-I-1955 — Cessação do estado de guerra resultante da segunda guerra mundial entre a URSS e a RDA.

18-I-1956 — Formação do Exército nacional e do Ministério da Defesa da RDA.

Indústria na RDA

A RDA está realizando um grande plano de fomento econômico. Em 1958, sua produção industrial bruta era três vezes maior do que em 1949, ano de sua fundação. Neste período, mais de 1.000 empresas industriais foram construídas ou restauradas. A produtividade do trabalho na indústria aumentou em mais do dobro entre 1949-1958.

COMPETIÇÃO PACÍFICA

O atual plano de fomento econômico que está sendo executado pela República Democrática Alemã tem um objetivo central: melhorar consideravelmente o nível de vida dos habitantes da RDA. Sob vários aspectos, esse nível era inferior ao da Alemanha Ocidental, região mais rica do país e mais desenvolvida tanto na indústria como na agricultura. Mas, já em 1957 havia ultrapassado a Alemanha Ocidental no consumo por habitante de gêneros alimentícios que o clima frio da Europa exige imperiosamente: manteiga, gorduras animais e açúcares. A proporção naquele ano já era a seguinte:

República Democrática Alemã aumentou este ano o salário real de quase 2 milhões de operários. Há alguns meses,

foi aumentado o salário de mais de 1.200.000 trabalhadores da Alemanha Oriental.

Table with 3 columns: Product, RDA (kg/capita), Alemanha Ocidental (kg/capita). Rows: Manteiga (104 vs 72), Gord. animais (83 vs 59), Açúcar branco (287 vs 283).

A diferença vem aumentando em favor da RDA. Por outro lado, a República Democrática Alemã alcançou a Alemanha Ocidental no consumo de carne e este ano chegará muito perto do seu consumo em calçados de couro e têxteis de seda. Estão sendo criadas condições para superar a Alemanha Ocidental no consumo per capita de outros produtos e artigos industriais.

Em outros setores, as vantagens evidentes são para os habitantes da RDA, como, por exemplo, nos alugueis, nos serviços públicos enquanto que a assistência médica na RDA é gratuita, bem como a instrução.

Um recente decreto do governo da República De-

Próximos Objetivos: Marte e Venus

B. KUKARIN

(Vice-Presidente do Conselho de Astronomia da Academia de Ciências da URSS, Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas).

As grandes vitórias da ciência soviética abrem novas perspectivas para a conquista do cosmos.

Todos os processos biológicos na Terra, as particularidades climáticas e os recursos energéticos estão, em última instância, ligados ao corpo central de nosso sistema planetário — o Sol. Para se prever com acerto a grande quantidade de fenômenos que ocorrem na Terra, é necessário conhecer e compreender bem os processos que se verificam no Sol, que direta ou indiretamente exercem influência sobre muitos fatos terrestres. A atmosfera da Terra é, porém, barreira intransponível para as irradiações ultravioletas, raios X e várias outras, que as absorve e as dissipa completamente ou as transforma em fenômenos secundários. O estudo dessas irradiações é particularmente importante para se compreender os processos que ocorrem no Sol. Por isso, é perfeitamente claro ser indispensável utilizar as naves cósmicas para se estudar as irradiações solares inatingíveis na Terra.

É provável não estar longe o dia em que se poderão instalar na superfície da Lua aparelhos automáticos de ação permanente, que observarão o Sol e transmitirão informações à Terra. Ainda de grande interesse do ponto de vista da compreensão dos complexos processos nucleares que ocorrem no cosmos é o estudo das chamadas estrelas não estacionárias. Essas estrelas se distinguem de nossas estrelas comuns do tipo do Sol pelo fato de nelas ocorrer, em grandiosas proporções, complexos processos físicos ligados à libertação, praticamente instantânea, de imensas energias. A potência desses fenômenos supera, centenas de milhões e de bilhões de vezes, a potência das labaredas solares, que são explosões repentinas, que explicam muitos fenômenos na Terra.

A dificuldade em estudar as estrelas não estacionárias se explica pelo seu considerável afastamento e fraqueza de suas irradiações. A luz da estrela não estacionária mais brilhante nos chega 1 milhão de bilhões de vezes mais fraca do que a do Sol. Compreende-se, por isso, toda a dificuldade em pesquisar esses corpos celestes, embora seu estudo no âmbito das irradiações inacessíveis na Terra seja particularmente importante e valioso.

No entanto, também aqui há todo motivo para supor não estar muito longe o dia em que aparelhos automáticos instalados na superfície da Lua ou em satélite pesado estarão possibilitando encontrar pequenas estrelas estacionárias de interesse para nós, e realizar pesquisas sistemáticas das

mesmas pelos métodos mais modernos.

Apesar de estarmos cercados de todos os lados, por organismos vivos, a começar pelos microrganismos e a terminar pelos animais, ainda sabemos muito pouco da origem da vida. E' de todo evidente que o estudo da Lua e dos planetas mais próximos — Marte e Venus — ampliará consideravelmente nossas idéias sobre as formas de manifestação da vida no Universo, e permitirão abordar, de maneira nova e à base de fatos novos, o problema da origem da vida. Compreende-se a precaução que se deve ter ao se preparar o envio dos foguetes cósmicos a outros astros. Não deve ser nelas introduzido nada da Terra que possa desfigurar nossas idéias quanto às condições primitivas vigentes em outros planetas. O recipiente lançado à superfície da Lua foi, por isso, cuidadosamente esterilizado. As mesmas medidas de precaução serão tomadas no futuro, quando se enviar outras naves cósmicas.

Pode-se acreditar que o homem voe até outros planetas?

Sim, e esse sonho, evidentemente, se tornará realidade, embora, provavelmente, muito antes se pesquise esses corpos celestes por meio de aparelhos automáticos, já que não se poderá enviar o homem ao cosmos enquanto não estiver garantida sua vida durante o voo em volta da Terra sem acidentes. Também nesse sentido é indispensável superar muitas dificuldades.

EM PRIMEIRO LUGAR, o homem não deve estar sujeito à ação prejudicial das irradiações cósmicas. Segundo as pesquisas realizadas por meio dos satélites e do primeiro foguete cósmico, no espaço interplanetário esse perigo é diminuído porque a densidade dos raios cósmicos é extremamente insignificante. Constatou-se, porém, que o nosso planeta está cercado por um anel de partículas extremamente densas e dotadas de altas energias. E' perigoso atravessar esse anel. Por conseguinte, a trajetória da futura nave que transporte um homem precisa ser calculada de maneira a evitá-lo.

EM SEGUNDO LUGAR, o homem não deve estar sujeito ao perigo de perecer ao encontro de corpos meteoríticos. As observações já feitas nesse domínio dão resultados animadores. E' relativamente fácil defender-se dos micrometeoritos, ao passo que em condições normais, está praticamente excluída a possibilidade de choque com meteoritos maiores. E' verdade que no espaço interplanetário se movem aglomerações meteoríticas mais densas, sendo, por isso, necessárias maiores pesquisas para se evitar choques indesejáveis.

EM TERCEIRO LUGAR, a nave deve baixar na superfície da lua — ou de outro planeta — com a velocidade de alguns metros por segundo, e não de alguns quilômetros por segundo, o que fatalmente provocaria sua destruição. Por conseguinte, freios especiais se tornam necessários. Trata-se, porém, de um problema de técnica, e sabemos que em nossa época problemas técnicos até mesmo consideravelmente mais complexos são resolvidos com êxito.

Para o voo o homem terá também de suprir a nave cósmica com uma reserva de combustível, indispensável para que possa deixar a Lua — ou outro planeta — e voltar à Terra. E' preciso ter em vista, nesse sentido, que em outros planetas, pelo menos a princípio, não haverá foguetódromos, como na Terra. Por conseguinte, para se ter exatidão de trajetória será necessário corrigir o movimento na trajetória, o que exigirá, por sua vez, maiores recursos energéticos.

Será necessário, finalmente, garantir uma aterrissagem segura na superfície da terra. Felizmente, a terra possui uma densa atmosfera e aqui se podem combinar os métodos de freio a jato com os aerodinâmicos.

Como se vê, o problema de o homem voar ao cosmos é muito complexo, mas não há nenhum motivo para duvidar-se da possibilidade de sua realização.

Há ainda uma questão essencial — a vida do homem em outros planetas. E' mais provável que, uma vez chegados a outros planetas, os homens terão que penetrar na crosta desses corpos celestes, criar aí ambientes herméticos e enchê-los de ar, cuja densidade corresponda à da terra. Só se poderá viajar na superfície dos planetas em aparelhos herméticos especiais. Não há dúvida de que também este problema será tecnicamente resolvido.

A exploração do espaço cósmico e dos planetas mais próximos proporcionará, sem dúvida alguma, uma grande quantidade de descobertas das mais interessantes, que representarão papel substancial ao progresso da humanidade. Já agora os satélites artificiais e os foguetes fornecem tanta informação nova, que teremos que rever as concepções estabelecidas a respeito da essência de muitos processos.

O futuro nos reserva possibilidades ilimitadas para a pesquisa de novas leis, para a solução dos problemas básicos da ciência, relativos ao desenvolvimento da matéria, à origem e evolução da vida, e para o estudo das entranhas dos planetas mais próximos e utilização dos minerais úteis ali existentes.

DEBATES ENTRE MARXISTAS

Está circulando o número 57 da revista PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Deve debates entre destacados marxistas de diferentes países são publicados neste número da revista. Uma das discussões é acerca da capitulação monopolista do Estado da Alemanha. Outros artigos de destaque são: 'A Alemanha Ocidental e o problema da paz', 'A Alemanha Ocidental e o problema da paz', 'A Alemanha Ocidental e o problema da paz'.

Além dos dois debates, PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO publica vários artigos e informações acerca do movimento comunista e operário em todo o mundo. Precisar sobre e todos os meses nas bancas e livrarias.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO

FAÇA DESDE JA A SUA ASSINATURA PARA 1960. Rua de Assembleia, 11. S. 304 - Rio.

ASSINE "NOVOS RUMOS"

TOGLIATTI DA RESPOSTA A TRÊS PERGUNTAS:

Por Que a Guerra Fria Vai Acabar? Qual o Significado Dessa Modificação? O Que Devem Fazer Os Comunistas?

No Festival da imprensa italiana recentemente realizado na provincia de Alexandria, Palmiro Togliatti pronunciou um discurso em que analisou a situação internacional, as causas da distensão, seu significado e conseqüências. Do discurso do secretário do PCI publicamos o resumo abaixo, extraído de «L'Unità»:

A guerra mundial viu, depois da agressão hitlerista à União Soviética, formar-se a unidade de Estados, de nações e de povos que conduziu à derrota das potências fascistas. Esta unidade criou nos povos a esperança de que a paz abrisse um novo caminho de liberdade e de democracia e que a guerra se seguisse um período de paz permanente. Esta esperança se teria realizado se a unidade fosse mantida no pós-guerra e se participassem da coisa pública aquelas amplas camadas da população que tinham combatido e vencido. Os povos esperavam que se chegassem, por esse caminho, a regimes sociais novos, baseados na democracia e no trabalho.

COMO NASCEU A GUERRA FRIA

Nesse sentido foram dados grandes passos: parte da Europa conquistou regimes socialistas, a grande China se transformou em República Popular, e outras populações, na África e na Ásia, romperam as cadeias do colonialismo. Mas este progresso encheu de medo as velhas classes burguesas que se apressaram em defender-se. Só haviam passado dois anos quando começou o que veio a ser chamado a "guerra fria". A sua conseqüência foi a ruptura da unidade contra o fascismo, a renúncia a qualquer programa de reformas sociais. Realizou-se assim uma política que impulsionava o mundo para trás, para uma laceração entre os Estados e para uma nova guerra mundial.

Para mudar a orientação que os povos teriam querido seguir, foi desencadeada uma campanha de enganos, fundada na mentira da irresponsabilidade dos países socialistas, nas falsas afirmações de que eles pensavam somente em enviar as próprias forças armadas para impor aos outros países regimes semelhantes aos seus. Pelo temor das classes burguesas de perderem os próprios privilégios foram deformadas todas as relações entre os Estados e estabelecidas relações novas na base das agressões premeditadas no mundo do socialismo.

Nasceu assim aquela aliança atlântica que não foi nunca defensiva, mas somente agressiva, como prova a ameaçadora criação de uma série de bases contra um único País.

Dessa maneira, o mundo foi envolvido por uma trama de

Inteiro se desenvolvem de modo a tornar de ano a ano mais manifesta essa fraqueza.

O AVANÇO DOS PAISES SOCIALISTAS

Os países socialistas, tiveram, é verdade, suas dificuldades depois da guerra. Enfrentaram uma tarefa pesada que às vezes levam a rupturas e conflitos; mas hoje essas dificuldades foram superadas e esses países alcançaram uma superioridade técnica e científica que se tornará bem cedo também superioridade econômica. Hoje, não é mais possível olhar com suficiência a esses países, conduzir uma política de provocação nas suas fronteiras, esperar uma crise em seu seio para se aproveitar dela. Hoje os imperialistas sabem que se tentassem lançar o mundo em um novo conflito, o pior tocaria a eles. Eis por que se abriam perspectivas novas de distensão e de paz.

A verdade é que, se hoje se abre uma nova perspectiva de distensão e de paz na situação internacional, é porque a humanidade colhe o fruto do trabalho tenaz de todos nós do trabalho que nós comunistas conduzimos à frente, de grandes massas populares pela paz. Hoje se colhe o fruto da política enérgica, razoável e pacífica levada à prática pelos dirigentes da União Soviética nas condições mais difíceis; devemos sentir um profundo reconhecimento aos homens que, à frente da União Soviética, souberam conduzir essa política, nesses difíceis dez anos. Mas colhemos hoje também o fruto do que fizemos juntos em todos os partidos comunistas da Europa ocidental, chamando as massas a expressar sua vontade de paz, defendendo as conquistas da democracia, levando à frente o movimento operário, popular e democrático, que reivindica uma profunda reforma das estruturas econômicas e das estruturas políticas do nosso país.

OS ENCONTROS IKE-KRUSCHIOV

Pois bem. Exatamente nestes últimos meses, nestas semanas, o mundo deveu constatar que nesse caminho não se pode mais prosseguir. O período da guerra fria está por acabar.

Partindo dessa constatação, pretendo responder a algumas perguntas. Primeira: Por que tudo isso aconteceu? Por que chegamos a um ponto em que a orientação da política mundial está para modificar-se? Segunda: O que significa essa modificação? Terceira: O que devemos fazer nós comunistas, nós membros dos partidos de vanguarda? O que dever fazer todos aqueles que, estão ligados à paz, à democracia e à liberdade?

A resposta à primeira pergunta é simples. É inútil pôr-se a fantasiar sobre as ocultas intenções deste ou daquele homem de Estado. Chegamos a um ponto em que, se a guerra fria continuasse, tomar-se-ia quase inevitável um terceiro conflito mundial com armas tais que provocariam o extermínio da maior parte da humanidade. Os dirigentes dos Estados imperialistas perceberam agora que deixaram de ser os mais fortes. Hoje, são os mais débeis, e além disso, o desenvolvimento das relações entre os povos, da economia mundial e as relações políticas do mundo

deve ser desenvolvido de modo a tornar de ano a ano mais manifesta essa fraqueza.

deve ser desenvolvido de modo a tornar de ano a ano mais manifesta essa fraqueza.

deve ser desenvolvido de modo a tornar de ano a ano mais manifesta essa fraqueza.

ração da República popular alemã, não pode abandonar uma semelhante perspectiva e convida Eisenhower a estar atento e ser prudente. Análogamente na França os dirigentes não querem desistir de uma política de guerra porque eles são uma força de guerra.

A ITALIA NÃO TEM UMA POLITICA ESTRANGEIRA

É a Itália? A Itália, no período da guerra fria não seguiu mais uma política externa nacional. Os nossos governos seguiram servilmente as instruções americanas. Aceitaram — quando a paz dava os primeiros passos — as bases para mísseis. Por isso, também no nosso país são fortes as resistências à distensão por parte dos governantes da Democracia Cristã e das autoridades eclesásticas. A revista dos Jesuítas e o Cardeal Lercaro declaram que a guerra fria deve continuar. Não se reconhece mais neles os homens de fé que servem a uma religião de amor; eles se habituaram a conquistar com a guerra fria um poder sempre maior — e com o poder, a riqueza — coisas que voluntariamente são abandonadas com dificuldade.

Contra as resistências atuais dos velhos dirigentes da guerra fria, devemos ter em mente bem claro quais são os objetivos que o mundo deve perseguir; não somente as vistas, embora úteis, de homens de Estado, mas uma modificação da situação internacional e a realização de alguns princípios fundamentais já fixados na Carta das Nações Unidas: o direito à independência dos povos coloniais, o reconhecimento de que os Estados socialistas devem ter uma dignidade igual à dos outros Estados, o fim do esbanjamento de centenas de bilhões em armamentos para a defesa contra a agressão luxuriante. Todos esses problemas devem ser resolvidos. Deve ser enfrentado e resolvido o problema do desarmamento, o da proibição das armas atômicas, da liquidação dos blocos militares e das bases estrangeiras espalhadas em todo o mundo; deve ser restituída plenamente a soberania a todos os povos. Todo povo deve ter reconhecimento e direito de avançar no caminho da democracia segundo a sua propensão, o seu interesse, e o modo pelo qual concebe o progresso político e o progresso social.

AS NOSSAS TAREFAS NA ATUAL SITUAÇÃO

Com isso já é dada a resposta à terceira questão: que devemos fazer na atual situação internacional? É evidente que devemos contribuir para a pacificação, a distensão, a luta pela paz; e isso significa que levantemos uma enérgica acusação ao atual governo italiano no qual prevalecem — e particularmente da parte do atual ministro do exterior — os inimigos da distensão.

Acusamos este governo de não ter compreendido os desenvolvimentos da situação internacional, de ter ficado à margem dos acontecimentos e de ter-se movimentado somente — quando se movimentou — para praticar atos contrários aos interesses da paz e do nosso país. Nada de esperanças mirabolantes, pois, e nada de quietismo de nossa parte.

Se este é o significado no campo internacional, no campo das relações internas nós consideramos que, o in-

cio de um processo de distensão deverá significar uma mudança das relações existentes entre os diferentes países, num país como o nosso.

Sabemos perfeitamente que existem estreitas ligações entre a situação internacional e a situação interna. Sabemos que o monopólio político democrata-cristão nasceu da guerra fria e do anticomunismo.

Compreendo muito bem, por isso, os dirigentes da democracia cristã quando eles levantam a voz contra a distensão, pois a tensão internacional é a componente essencial do seu poder. Eles se agitam porque o fim da guerra fria deverá repercutir inevitavelmente no ânimo da população e levará à queda dos castelos de mentiras edificadas em tantos anos.

Nós, pois, não esperamos a transformação miraculosa da situação do nosso país como repercussão direta dos acordos que serão estabelecidos entre os grandes países do ocidente e o mundo socialista.

Ma esperamos profundas modificações no espírito da maioria dos cidadãos, e através destes novos profundos deslocamentos da opinião democrática italiana, o começo de situações novas. Não esperamos, isto é, dos acordos que possam surgir entre o camarada Kruschiov e o presidente Eisenhower, uma modificação da política da Democracia Cristã; mas estamos seguros que conseguiremos atingir profundas modificações através da luta real das massas, de todos aqueles que estão interessados em repeller a sombra da reação, a despedaçar o poder dos monopolios, a reformar na unidade das forças populares, a marcha para a frente no sentido da renovação social e democrática da Itália, como de resto prevê a nossa Constituição.

Em que consiste, concretamente, a política de coexistência pacífica? Em seu sentido mais elementar, significa a renúncia à guerra como meio de dirimir os problemas em litígio. A coexistência pacífica pressupõe basicamente, portanto, o compromisso de não agressão e, em seu lugar, o primado das negociações e entendimentos pacíficos — tal como ficou estabelecido no comunicado de Camp David. Mas não é somente isto. Ao mesmo tempo, para que não seja apenas uma renúncia formal à guerra, a coexistência pacífica pressupõe também a obrigação de todos os Estados de não violar a integridade territorial e a soberania mútuas, de nenhuma forma nem sob nenhum pretexto. Assim, para que não se afirmasse estivamente, a coexistência pacífica exige a não intromissão nos assuntos internos de outros países com o propósito de mudar o seu regime estatal, o modo de vida existente ou por meios de qualquer outra natureza. Atenção, por exemplo, contra o princípio da coexistência pacífica a recente iniciativa do governo dos Estados Unidos instituído uma «Semana dos povos colônias» — grosseira forma de intervenção visando estimular os agentes contra-revolucionários nos países de democracia popular da Europa.

AS NOSSAS TAREFAS NA ATUAL SITUAÇÃO

Com isso já é dada a resposta à terceira questão: que devemos fazer na atual situação internacional? É evidente que devemos contribuir para a pacificação, a distensão, a luta pela paz; e isso significa que levantemos uma enérgica acusação ao atual governo italiano no qual prevalecem — e particularmente da parte do atual ministro do exterior — os inimigos da distensão.

Acusamos este governo de não ter compreendido os desenvolvimentos da situação internacional, de ter ficado à margem dos acontecimentos e de ter-se movimentado somente — quando se movimentou — para praticar atos contrários aos interesses da paz e do nosso país. Nada de esperanças mirabolantes, pois, e nada de quietismo de nossa parte.

Se este é o significado no campo internacional, no campo das relações internas nós consideramos que, o in-



COEXISTENCIA PACIFICA (I)

A recente visita de Nikita Kruschiov aos Estados Unidos e os animadores resultados de suas conversações com o presidente Eisenhower, condensados no comunicado de Camp David, fazem com que o problema da coexistência pacífica entre Estados de diferente regime social adquira um interesse particular. Mais do que em qualquer outra época, a questão da coexistência pacífica constitui agora assunto de discussão obrigatória entre todos os que se preocupam com a situação política internacional e as perspectivas de seu desenvolvimento.

A coexistência pacífica constitui a base de toda a política exterior da União Soviética e demais países socialistas. Não é como procuram fazer crer os incendiários de guerra e, em geral, os inimigos do socialismo — uma «invenção» do atual Governo da URSS ou uma «manobra tática» dos comunistas. A verdade histórica, que não pode ser contestada, é que o Estado soviético, desde os primeiros dias de sua existência, proclamou a coexistência pacífica como o princípio fundamental da sua política externa. O primeiro ato estatal do Poder soviético foi o Decreto sobre a Paz. E já em 1920, respondendo a uma pergunta do correspondente do jornal norte-americano «New York Evening Journal» sobre as bases para uma paz entre a Rússia soviética e o Estado Unidos, V. I. Lênin declarou: «Que o capitalismo norte-americano não nos toque. Nós não tocaremos neles».

É perfeitamente compreensível que seja esta a base da política exterior dos países socialistas. É uma expressão da própria natureza da sociedade socialista, de onde foram banidas as classes ou os grupos interessados em obter lucros através da guerra ou da conquista e escravização de territórios alheios. Nos países socialistas, governados pelos trabalhadores, pelos criadores diretos de todos os valores materiais e espirituais da sociedade, a defesa da paz incumbe portanto aos próprios governantes. A guerra não pode beneficiar aos trabalhadores, aos homens simples, pois somente lhes traz o sofrimento, a morte e as destruições.

Em que consiste, concretamente, a política de coexistência pacífica? Em seu sentido mais elementar, significa a renúncia à guerra como meio de dirimir os problemas em litígio. A coexistência pacífica pressupõe basicamente, portanto, o compromisso de não agressão e, em seu lugar, o primado das negociações e entendimentos pacíficos — tal como ficou estabelecido no comunicado de Camp David. Mas não é somente isto. Ao mesmo tempo, para que não seja apenas uma renúncia formal à guerra, a coexistência pacífica pressupõe também a obrigação de todos os Estados de não violar a integridade territorial e a soberania mútuas, de nenhuma forma nem sob nenhum pretexto. Assim, para que não se afirmasse estivamente, a coexistência pacífica exige a não intromissão nos assuntos internos de outros países com o propósito de mudar o seu regime estatal, o modo de vida existente ou por meios de qualquer outra natureza. Atenção, por exemplo, contra o princípio da coexistência pacífica a recente iniciativa do governo dos Estados Unidos instituído uma «Semana dos povos colônias» — grosseira forma de intervenção visando estimular os agentes contra-revolucionários nos países de democracia popular da Europa.

A doutrina da coexistência pacífica prevê igualmente que as relações políticas e econômicas entre os países devam estruturar-se sobre a base da absoluta igualdade e vantagem recíproca entre as partes. Os diversos acordos firmados entre a URSS e outros países não sem dúvida, um exemplo de que os Estados socialistas agem de fato segundo este princípio.

A coexistência pacífica, assim, não é só a simples convivência entre Estados sem a guerra, mas a emulação pacífica entre Estados de sistemas sociais diversos visando satisfazer melhor as exigências de progresso e bem-estar dos povos.

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

XXXIII)

O resurgimento do socialismo na Inglaterra teve o seu prenúncio com a criação, em 1884, de duas organizações de caráter político: a Federação Social-Democrática e a Sociedade Fabiana. A primeira surgiu em base marxista, foi fundada por iniciativa de Tom Mann, ativista destacado do movimento operário inglês, um dos melhores de sua época, segundo Engels. Entre os fundadores estavam também uma das filhas de Marx, Eleanor (filha do apelido de Tussy) e seu marido EVELING. A Federação Social Democrática teve o mérito de difundir as idéias marxistas entre os operários ingleses. Não tinha porém caráter de massa, adotou, desde o início, uma posição sectária; considerava que a luta pela reivindicação imediata do proletariado (jornada de oito horas, aumento de salários, etc.) era assunto sem maior importância que devia ficar a cargo dos sindicatos, os trade-unions. E também não se ligava com estes. Isolou-se, assim, das massas operárias

e acabou caindo nas mãos dum rematado sectário e dogmático, Hyndman, tipo além do mais, sem escrúpulo que chegou até a publicar capítulos de «O Capital» com sua assinatura... Tom Mann e os EVELING que, apesar de suas debilidades políticas, valorizavam o movimento de massas (Eleanor teve destacado papel como agitadora durante as lutas dos «East Enders»), retiraram-se da Federação. Não obstante as falhas que a caracterizaram, esta foi uma das primeiras organizações políticas da classe operária inglesa. Aderiu à II Internacional e o Partido Comunista da Inglaterra considerou-a como ponto de partida do processo de sua formação. Já a Sociedade Fabiana, declarando, embora, ter também como objetivo a propagação das idéias do socialismo, teve desde o origem caráter francamente reformista. Fundada por intelectuais burgueses (Sidney e Beatrice Webb, Bernard Shaw, H. G. Wells e outros), a designação de Sociedade inspirou-se no nome dum chefe militar do

Roma antiga, Fábio Cunctator, cognominado «o Temporizador», que se tornou conhecido na luta contra Anibal, pela sua tática de expectativa, de renúncia às batalhas decisivas. E o nome, é preciso dizer, foi muito bem dado, pois foi esta sempre (e é até hoje) a tática dos fabianos: «chegar» ao socialismo sem revolução, pela simples propaganda, pouco a pouco, quando todos, operários e burgueses, estiverem convencidos das

RESSURGE O SOCIALISMO NA INGLATERRA

novas idéias. Partidários da colaboração aberta com a burguesia, inimigos ferrenhos de toda luta de massas, que procuram impedir através de métodos diversionistas os fabianos acusaram desde que surgiram sério prejuízo ao movimento operário inglês. Em 1893 depois das lutas grevistas dos «East Enders» surge como organização política de massas da classe operária inglesa, o Partido Independente do Trabalho. Na sua criação

tomaram parte Tom Mann e muitos ativistas das «novas trade-unions». Formado à base do movimento sindical, esse Partido, ao mesmo tempo que se propunha transformar a sociedade capitalista em socialista, dava grande atenção ao trabalho nos sindicatos. Engels, que durante anos seguidos insistiu, sem êxito, aliás, em criticar a Federação Social-Democrática encabeçada por Hyndman por seus erros sectários, pela sua incapacidade

RESSURGE O SOCIALISMO NA INGLATERRA

de ligar-se ao instinto de classe inconsciente, mas poderoso das trade-unions (Lênin), teve esperanças de que o Partido Independente do Trabalho se converteria num partido operário autenticamente socialista. Isso, entretanto, não aconteceu. A organização, que chegou a representar no Parlamento inglês centenas de milhares de operários sindicalizados, ficou sob a influência do Partido Liberal, caindo no reformismo parlamentarista.

Lênin disse do Partido Independente do Trabalho, que era «independente do socialismo, mas dependente do liberalismo». Entretanto, nem por isso deixou de votar, em 1908, na sua qualidade de membro do Biro Socialista Internacional, em favor do ingresso do Partido Independente na II Internacional. Lênin considerava que, apesar de toda a traição de seus chefes, as trade-unions tinham passado a aproximarse do socialismo, pou-

RESSURGE O SOCIALISMO NA INGLATERRA

co importava que de forma sinuosa, inconsequente, desajeitada. (Lênin, em seu artigo «A reunião do Biro Socialista Internacional») e que isso era «um passo à frente enorme do movimento operário de massas na Inglaterra».

Não foi assim por acaso, nos fins do século de 90 do século passado, a burguesia inglesa lançou-se contra os sindicatos, contra o direito de sindicalização dos operá-

rios. Algumas ferrovias chegaram a ameaçar os empregados de demissão, se não abandonassem os seus sindicatos. Mas os trabalhadores revidaram as ameaças com a greve e a burguesia, a contragosto, recuou. Mas não se deu por vencida. Em 1889, em seguida ao movimento grevista dos ferroviários da região de Taff, as companhias de estradas de ferro entraram com uma causa na justiça inglesa, exigindo que os sindicatos se liquidassem pelos critérios resultantes da greve. O tribunal deu ganho na questão aos patrões e os sindicatos de ferroviários foram obrigados a pagar 23.000 libras esterlinas de indenização.

Os trabalhadores apelaram até para a Câmara dos Lordes, contra a iniqua sentença que tão gravemente atentava contra o direito de greve. Em vão. A sentença foi confirmada; as operárias das companhias deveriam ser cobertas pelos fundos dos sindicatos e também as custas dos recursos pessoais dos funcionários sindicais...

A Iniquidade teve porém, o mérito de arrastar os burocratas empedernidos dos sindicatos à vida política. Em 1900 realizou-se uma conferência de representantes de organizações operárias que criou o Comitê de Representação Operária, com a seguinte composição: 41 representantes das trade-unions, um da Federação Social-Democrática, um do Partido Operário Independente, um da Sociedade Fabiana.

O objetivo do Comitê era organizar a participação direta dos operários nas eleições parlamentares, com vistas à criação de uma numerosa fração parlamentar operária. Até então, os operários que eram parlamentares pertenciam às bancadas dos Partidos Conservador e Liberal. A fração operária no Parlamento deveria lutar contra a aprovação de leis antioperárias e em prol de leis que beneficiassem o proletariado. Em 1906, o Comitê de Representação Operária passou a chamar-se Partido Trabalhista Inglês.

Padre Humberto Cavalcanti:

SENTIDO ETERNO DO MARXISMO

O padre Humberto Cavalcanti pronunciou na Faculdade de Filosofia de Alagoas, uma aula inaugural subordinada ao tema "Sentido eterno do marxismo". O assunto da aula e a maneira pela qual foi abordado, além da repercussão que a mesma alcançou, revelam, inegavelmente, que também em nos, o país a doutrina dos comunistas já penetra em amplos setores do pensamento e da cultura. Por isso mesmo e embora divergindo de alguns pontos-de-vista do padre Humberto Cavalcanti, reproduzimos a seguir os principais trechos de seu trabalho, que foi publicado na íntegra no "Jornal de Alagoas". Os subtítulos e entreitulos são de nossa responsabilidade.

— O Marxismo é a encarnação de grandes verdades

— «Marx reavivou a verdadeira e autêntica noção do trabalho»

— «Não pode o cristão, por conta de um aquartelamento na fé, rejeitar o diagnóstico sociológico das estruturas do mundo contemporâneo ventilado por Marx»

— «O diálogo entre marxistas e cristãos é um diálogo não só possível, mas necessário»

Se pensarmos bem, o tempo e sempre nosso aliado. Mas, de fato, o tempo trabalha de modo contrário ao nosso, pois não nos foi possível, por impossibilidade física, estruturar uma aula que fosse, inicialmente, uma atitude de respeito à cultura e ao plano de cultura que tinham na Faculdade de Filosofia de Alagoas.

Pensamento não se improvisa e sem cultura é um simples resultado da dialética da palavra. Cultura é coisa que exige reflexão, aprofundamento, concatenação de ideias e sobretudo unidade de pensamento que projeta e fundamenta a unidade de vida.

De qualquer maneira, a bondade dos meus colegas e o espírito simpaticamente totalitário do caríssimo Padre Teófilo, me meteram nesta entulhada e aqui estou para vos dizer uma palavra e quiser que ela fosse portadora de uma mensagem: a consciência da nossa responsabilidade em face do mundo da cultura e a posição de honestidade e sinceridade diante deste fenômeno humano, diante desta concepção de vida, diante desta concepção do mundo e do homem, diante deste humanismo — o marxismo.

É muito fácil e muito comoda uma atitude simplista em face do problema novo colocado pelo marxismo, e em face sobretudo das suas ideias assumidas por ele através dos tempos, polarizando como vem uma multidão de seres humanos que como nós tem inteligência e tem coragem.

Uma atitude de condenação *a priori*, condenação fundamentada na ignorância e no preconceito provocado pelo comunismo, condenação doentia, esta então é a de uso mais comum, e pela indignidade que ela encerra nem merece a nossa consideração.

É, tanto diante de um fato novo, diante de uma concepção da vida, do homem e do universo, diante de um humanismo, que se apresenta como a solução dos problemas humanos e tem levado uma multidão a verdadeiras atitudes heroicas. Não podemos desconhecer este novo fato, nem apenas considerá-lo como alienação coletiva ou coisa semelhante, pois ele tem sido a alma, o ideal, a motivação, a razão de ser da vida de tantos que se entregaram de alma e corpo, que se sacrificaram involuntariamente em benefício da causa que abraçaram.

Marxismo: magnífica realidade existencial

Não podemos esquecer que o marxismo apresenta hoje em dia uma realidade de tal magnitude no campo da saber e da atividade humanas, na encruzilhada das energias históricas que não pode ser postergado como coisa de segunda ordem ou como literatura barata, sem nenhuma fundamentação na realidade, sem nenhum aspecto existencial. A coisa se processa muito pelo contrário. O que caracteriza o marxismo é ser ele uma magnífica realidade existencial, e ser ele uma tentativa de vivência autêntica e um esforço inteligentemente orientado para a descoberta de um homem novo, para um encontro com um humanismo que verdadeiramente se projeta nas medidas do homem: um humanismo que realize plenamente a sua definição, sendo a descoberta total de todas as faculdades do homem, e desenvolvimento das virtualidades não contidas, suas forças criadoras e a vida na terra, e trabalho por fazer das forças do mundo físico o instrumento da sua liberdade.

Não se trata de voltar para o simplismo. Muita gente que se sente a vítima Marx jamais teve a coragem ou a fé de ler sequer uma de suas obras. Críticos por outro dizer, críticos baseados em comentários às vezes insensíveis, desonestos e sectarismos, criticam infantis, para não dizer críticas indignas que não se coadunam de maneira alguma com a propalada noção de homem de bem, do homem sério, de homem intelectual e muito e muito menos com a realidade de cristão, amigo daquela liberdade que nos liberta exatamente por uma adesão à verdade — e, ventos libertam vozes, e a verdade vos libertará.

Para criticar o marxismo não se trata pois de arrancar do contexto proposições isoladas. O marxismo é um todo, sua dinâmica apresenta uma surpreendente coerência, uma unidade de vistas. Tudo tem nele o seu lugar. Quando, em presença de uma filosofia do homem que engloba a totalidade dos problemas humanos, inclusive os propostos pela existência ou não existência de Deus, reduzimos a defesa ou a ataque só a escaramuças, e reconhecemos que nos falta o golpe de vista sintético do estrategista, que de um só olhar envolve todo o campo de batalha.

Tal método se aplica ao crítico, a não faltar aos que se pensam em termos de polémica de rua, uma autêntica mobilização de eloquência e faéris. Mas, antes de empreender de saber, se temos vigor intelectual para não nos contentarmos com a facilidade dos slogans, e para abordarmos de frente o estudo de uma doutrina do homem, cuja envergadura desconcerta espíritos estreitos habituados somente aos malabarismos oratórios de comícios eleitorais. Uma vez que há no marxismo uma doutrina do homem, é mister empreender-lhe o exame de um ponto-de-vista bastante elevado, a fim de perceber toda sua coerência interna.

Ou entramos numa fase de realismo cristão vivo, fase de seriedade, ausência de ingenuidades, discussões honestas, espírito de cultura, pesquisa sincera da verdade, ou então seremos eternamente vítimas de um "diálogo acabrunha-

dor e de uma operosidade de constâncias de arena na praia.

Não nos conduzem nesta aula inaugural — e evidente — nenhum espírito de destruição, nenhuma atitude de zombaria, mas simplesmente a vontade sincera de transmitir uma inquirição — de focalizar com sinceridade e honestidade um grande problema — o marxismo — naturalmente dentro das nossas limitações de tempo e de competência.

A humildade — a única natureza onde se envolve a vida do homem que estuda. Cada vez que nos aprofundamos mais e que vislumbramos o mundo da nossa ignorância e nos extasiamos diante do mundo da cultura.

Pois bem, meus caros amigos, é dentro desta humildade que penetramos na análise do nosso tema: «Dimensão eterna do Marxismo».

Queremos dizer com esse tema, naturalmente generoso e sinceramente ousado, que o marxismo tem, uma dimensão eterna, perdurável, um valor permanente que não pode sumariamente ser desprezado por conta de seu ateísmo. Ele encerra uma problemática original do homem e do mundo, e é uma tentativa formidável de solução do problema do homem na sua projeção na história. Sobre tudo se olhamos para o plano existencial do homem inserido na história, do homem concreto, constatamos que o marxismo tem sido a ideia força, tem sido a concepção de vida de uma grande parte da humanidade. Sabemos que o erro não subsiste e que se o marxismo não fosse uma concepção que tivesse suas raízes na realidade de há muito que teria sido banido por forças de sua superficialidade.

Após ler considerações a respeito da influência do materialismo de Feuerbach e da dialética de Hegel na obra de Marx o Padre Humberto Cavalcanti assim prosseguiu sua aula:

Segundo do idealismo de Hegel e se aprofundando no materialismo de Feuerbach, Marx afirmava que a atividade primordial do homem era a atividade física concreta. Ele toma o homem concreto, o homem com o seu trabalho, o homem na história, em suas relações com a natureza e com os seus semelhantes.

Dai, consequentemente, negar todo pensamento puramente teórico, toda especulação desligada da atividade prática. Não admite uma razão contemplativa, mas a verdadeira razão é conquistadora e trabalhadora, é uma razão transformadora do mundo.

Escreve ele em suas lições sobre Feuerbach: «A questão de saber se pode o pensamento humano atingir uma verdade objetiva não é uma questão teórica, porém prática. É na prática que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade, a força, a precisão de seu pensamento. É uma questão puramente escolástica a controversa sobre a realidade ou a não realidade do pensamento isolado da prática. Não fizeram os filósofos até aqui mais do que discutir o mundo de ideias — interpretações; o que importa é transformá-lo».

A prática e o fundamento da argumentação de Marx. Ela é a atitude do homem concreto, que raciocina a cada instante com o seu ser total, enquanto pensa e enquanto realiza. É a atitude do homem jogado na existência concreta. O comunismo autêntico não pode pensar sem atuar, nem atuar sem pensar. Será assim uma unidade íntima entre a teoria e a prática.

Aqui se mostra a «matéria» no pensamento de Marx. Esta atividade física concreta é a realidade histórica separada de qualquer elemento transcendente. É a marca fundamental da realidade histórica e a «matéria». Para Marx, o homem vem da matéria, e todo o pensamento humano com todas as suas criações se reduzem a uma «superestrutura» condicionada pela evolução da «infra-estrutura».

Como vemos meus caros amigos, a coisa está se complicando, pois o pensamento de Marx não é brincadeira e está a exigir muito fôlego para que seja penetrado, analisado e compreendido.

Vamos dar a palavra no próprio Marx, para que possamos entender melhor o seu vocabulário.

No prefácio da "Crítica da Economia Política", Marx nos diz como é que surgiu esta concepção materialista da história: «Minhas pesquisas conduziram a este resultado: que as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser compreendidas por si próprias, nem pela pretensa evolução geral do espírito humano, mas, ao contrário, detêm suas raízes nas condições materiais de existência, cujo conjunto Hegel, a exemplo dos ingleses e franceses no século XVIII, compreende sob o nome de "sociedade civil". Marx vai mais longe ainda e procura analisar quais as causas determinantes dessa sociedade civil, ou melhor, quais são as condições materiais da existência onde a sociedade civil leva as suas raízes.

Plekhanov, um dos maiores teóricos do marxismo, sobre quem Lênin escreveu: penso que não é demais observar aos jovens membros do Partido que não é possível tornar-se um verdadeiro comunista, dotado de consciência de classe, sem estudar — frio e estudioso — tudo que Plekhanov escreveu sobre filosofia, pois é o que há de melhor na literatura internacional do marxismo. Plekhanov explica o texto de Marx, há pouco citado: «Assim, é o estado econômico de um povo que determina seu estado social, e o estado social de um povo determina, por sua vez, seu estado político, religioso e assim sucessivamente. Mas, perguntareis, o estado eco-

nômico não tem outra por sua vez? Sem dúvida, como todas as coisas do mundo, tem sua causa, e esta causa, causa fundamental de toda evolução social e, portanto, de todo movimento histórico, é a luta que o homem trava com a natureza para assegurar sua própria existência».

Se quiséssemos examinar o pensamento de Marx como força ascendente, diríamos que na base desse imenso edifício se encontram as forças produtivas materiais. Estas forças produtivas determinam as «relações de produção». O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade. Esta estrutura econômica, que é a «infra-estrutura», é a base real sobre a qual se erguem as «superestruturas», isto é, a família, o Estado, o direito, a ciência, a arte, a filosofia, a religião, ou seja tudo aquilo que são formas de consciência social. Tudo depende das condições materiais da existência ou seja do modo de produção.

Em seguida, o Padre Humberto Cavalcanti cita longo trecho de Marx sobre o condicionamento do processo de vida social, política e intelectual ao modo de produção e sobre o mecanismo das transformações evolutivas nos sistemas sociais, e prossegue:

Resumindo o pensamento de Marx, diríamos: o estado das forças produtivas determina as relações de produção, e estas determinam todas as outras relações que existem entre os homens na vida social. Segundo Marx, as forças produtivas são a resultante da luta que o homem trava com a natureza para assegurar sua própria existência.

Como se nota, é determinante a importância que Marx oferece às forças produtivas.

Tentaremos explicitar melhor o nosso pensamento. Toda a vida social e consequentemente as suas superestruturas (Estado, Direito, Arte, Ciência, Filosofia e Religião) são determinadas por um certo estado de desenvolvimento das forças produtivas. Os fatos decisivos no processo histórico não são as ideias; são o estado de desenvolvimento dos meios de produção, o modo de produzir. Se este se transforma, transformam-se também as relações de produção, a ordem social e as superestruturas ideológicas, o Estado, o Direito e a Arte e Filosofia e a Religião.

Etapas históricas das relações de produção

Por isto que as diferentes etapas históricas das relações de produção, que são por sua vez determinadas por um certo estado de desenvolvimento das forças produtivas, com as suas superestruturas, isto é, formas político-jurídicas e correntes ideológicas correspondentes, formam um todo fechado, um sistema único, ou seja um sistema de «formação da sociedade». Este sistema de «formação da sociedade» obedece a cinco fases, isto é, se desenvolvem em cinco etapas através da história: 1) a sociedade primitiva sem classes, onde o Marxismo distingue três períodos: a sociedade anterior ao aparecimento dos troncos étnicos, o matriarcado e o patriarcado; 2) a escravatura que foi iniciada com o patriarcado; 3) o feudalismo, no qual o homem é proprietário dos seus instrumentos de trabalho, mas ainda e escravo da terra, não pode se libertar da terra; 4) o capitalismo, a partir do século VI. Esta etapa Marx a caracterizou por dois fatos: a concentração dos meios de produção nas mãos de um pequeno número e o aspecto comunitário da organização do trabalho. Surge, então, a contradição entre o caráter comunitário do Trabalho e a propriedade privada, desenrolando-se assim a luta de classes, a luta do proletariado contra a burguesia; 5) com a revolução proletária surge a quinta fase: o comunismo, que está em gestação desde a revolução de outubro de 1917 na Rússia. Esta última fase tem dois momentos: um momento de transição onde se estabeleceu a ditadura do proletariado, e a abolição das classes, que lhe são hostis. E o socialismo. Neste primeiro momento, a grande norma é esta: A cada um se exige segundo as suas possibilidades, e se retribui segundo o seu trabalho.

Surgirá, depois, o segundo momento: o comunismo propriamente dito, no qual se ultrapassa a divisão do trabalho, que escravizava os homens. Haverá uma tal abundância das riquezas coletivas, que a grande norma será a seguinte: «Trabalhe cada um segundo as suas possibilidades, e tome-se-lhe a segundo as suas necessidades». Daí a famosa expressão de Marx: «O comunismo, sendo um naturalismo acabado, coincide com o humanismo, e o verdadeiro fim da querela entre a existência e a essência, entre a liberdade e a necessidade, entre o indivíduo e a espécie. Resolve o mistério da história e sabe que o resolve. Estaria criada, assim, a Sociedade, onde o trabalho é a única medida do valor dos homens».

Marxismo: humanismo do trabalho

O humanismo marxista se realiza pelo trabalho. O homem se completa a si mesmo pelo

trabalho. Este pleno e livre desenvolvimento de todas as suas faculdades e virtualidades é realizado por este poder demitúrgico, que é seu privilégio exclusivo: o trabalho.

O trabalho é a raiz de todas as atividades propriamente humanas, ele se situa no centro da vida humana e por ele o homem domina a natureza. Deixemos Marx falar: «A primeira vista, o trabalho é um ato que se processa entre o homem e a natureza. O homem que trabalha é como que um gesto da natureza. Movimento forças e membros a fim de assimilar a matéria e dar-lhe uma forma útil à vida». (O Capital, I). Para o homem socialista, toda a pretensa história universal é apenas a história da criação do homem pelo trabalho humano». (Manuscrito, 1844). «Ao mesmo tempo que o homem age, modificando a natureza exterior, ele modifica sua própria natureza e desenvolve as virtualidades nela adormecidas». (O Capital, I).

Pelo trabalho, o homem humaniza a natureza e se humaniza a si mesmo.

Marx reavivou a verdadeira e autêntica noção do trabalho. Este aspecto criador e renovador do trabalho muitas vezes na história foi colocado em segundo plano e às vezes esquecido por uma Teologia e uma moral que fazem lembrar quase que exclusivamente a maldição que Deus fez pesar sobre o trabalho do homem depois do pecado original.

Encontramo-nos, meus amigos, diante de um verdadeiro humanismo do trabalho. Muito teríamos ainda que dizer sobre o trabalho, sobre a noção de Marx a respeito da sociedade sem classes, que não é absolutamente um igualitarismo, um nivelamento. Mas, este discurso já vai muito longe e é preciso obegar ao fim.

A necessidade do diálogo entre marxistas e cristãos

Num esforço de síntese, ainda que sumamente superficial, vejamos quais os pontos pelos quais poderíamos afirmar ter o marxismo uma dimensão eterna, um valor permanente e ser uma encarnação de grandes verdades.

Não é tempo nem hora de nos aprofundarmos numa crítica do marxismo. Bastam a sua negação da transcendência, a sua negação de Deus, o seu ateísmo militante para que ele apareça claudicante no campo mesmo da filosofia, na órbita da razão natural.

Mas, não será simplesmente por conta disso, que lhe negaremos um valor duradouro, capaz de ser uma totalitária concepção de vida. A sua análise do plano econômico, político, cultural e até mesmo as suas perspectivas de redenção do homem pelo trabalho são valores que, quer queiram quer não, continuam batendo na nossa face até que os nossos olhos se abram para a realidade e nos joguem na redenção das nossas vidas. Sobre tudo os nossos irmãos trabalhadores, vítimas de uma ordem social estabelecida injusta e injusta.

Não pode o cristão, por conta de um aquartelamento na fé, rejeitar o diagnóstico sociológico das estruturas do mundo contemporâneo ventilado por Marx.

É mais ainda. Se olharmos para o bem comum temporal que é um fim em si mesmo, não obstante ser um fim infravalente, um fim intermediário; se olharmos para a órbita do tempo, ali com a sua autônoma e específica e delimitada, o diálogo entre marxistas e cristãos é um diálogo não só possível, mas necessário.

A constante do fator econômico nas relações humanas, a reavivência da causalidade material, o aspecto magnético, mas sobre o qual não podemos mais falar por conta da proximidade, as perspectivas gerais da era da máquina, o processo de alienação humana no regime capitalista, a concepção de trabalho, são valores que permanecem em toda a duração da história humana.

Dizíamos que o diálogo entre marxistas e cristãos era não só possível, mas necessário. E a convivência pacífica ali está como a maior afirmação de homens livres e para nós como uma exigência da Caridade, do amor mútuo.

Liquidar a exploração, a miséria e o sofrimento

A promoção humana é um fato. A promoção da classe operária é um fato, contra o qual não valem argumentos, nem tampouco reações doentias, medrosas, simples frutos de uma signorantia elenchi, ou mesmo de uma preguiça intelectual congênita.

O que pode preocupar o cristão é o modo «radical» como esta promoção é feita pela revolução, segundo a concepção marxista.

Inquieta-nos a necessidade marxista da luta de classes, porque temos uma esperança cristã na promoção do homem realizada pelo amor. Mas, para aqueles que não entendem ou não querem entender a obrigação do amor, nós irmãos, as necessárias consequências, nós gritaremos com a «justiça». Nas condições históricas em que vivemos, não lutassem os trabalhadores e continuariam a ser explorados por esta gente que parece só possuir estômago e ruindade no coração. Não gritassem os trabalhadores e teríamos a legalização do legítimo direito de greve? Não gritassem os trabalhadores e teríamos uma legislação trabalhista, coisa ainda muitíssimo reduzida segundo as exigências da Justiça e da Caridade? Que éis gritem, sim, e nós reforçaremos a sua fé até que sejam abaladas as colunas do templo dos deuses mignons, o dinheiro, a ambição, a miséria, as atitudes incupulosas, as perseguições, os paternos incupulosos, a perseguição, os paternos incupulosos, vejamos ruir um mundo de injustiças para o advento de uma nova era.

Que vos fiquem estas palavras, meus amigos, como o testemunho de uma inquietação de cultura e uma vontade séria de que a nossa mentalidade se abra pelos quatro horizontes da terra, se perca pela intensidade do infinito e se encontre com o nosso Deus, fonte perene da Verdade e do Bem.

FRIGORÍFICOS EXPLORAM PRODUTOR E CONSUMIDOR

FRIGORÍFICOS SÓ OBEDECEM AO GOVERNO AMERICANO

Com a interferência direta das embaixadas americana e inglesa e, posteriormente, as instruções enviadas pelo Governo de Washington aos frigoríficos norte-americanos (Wilson, Armour e Swift), ficou amplamente caracterizado o que sempre afirmamos sobre o abastecimento de carne no Brasil: é controlado pelos frigoríficos estrangeiros que, operando como monopolistas nos principais centros consumidores, sonham o produto, ditam os preços e impõem privações à população.

Como foi noticiado pelos jornais e estamos seguramente informados, o ministro Horácio Lafer, em fins da semana passada, foi procurado pelo embaixador americano, Mr. Moors Cabot, que solicitou oficialmente ao Governo brasileiro o reexame da questão da intervenção nos frigoríficos. Essa intervenção, decretada depois que o general Ururui Magalhães assumiu a presidência da COFAP, não foi efetivada, ficando em suspenso, à espera de que os trustes da carne cumprissem os compromissos assumidos com as autoridades. Foi em face da intervenção iminente que o embaixador lanque interveio e como sua impertinência não tivesse surtido o efeito desejado, o Departamento de Estado apressou-se em aconselhar os frigoríficos a um recuo temporário, até que passe a fase aguda atual, quando, então, eles voltarão à política de sonegação para forçar a alta do alimento básico.

Por outro lado, em face de divergências que surgiram no seio do Governo, o general Ururui Magalhães declarou que pedirá demissão caso as autoridades recuem diante dos frigoríficos.

A descarada ingerência de governos estrangeiros num assunto puramente doméstico do nosso país está suscitando indignação. A Câmara Municipal do Distrito Federal votou uma moção de protesto contra a intromissão das embaixadas americana e inglesa, e o Partido Trabalhista Brasileiro anuncia que lutará pela nacionalização dos frigoríficos.

Depois de uma semana de avanços e recuos sobre a intervenção efetiva nos frigoríficos, começa a ficar claro que estes conseguiram mais uma vez escapar do controle e continuar realizando seus fabulosos negócios. Desta vez, como a ameaça fosse maior, estando o presidente da COFAP disposto a não se limitar aos açougueiros, os frigoríficos apelaram até para os embaixadores dos Estados Unidos e da Inglaterra em busca de socorro.

Apesar dos desmentidos de praxe, está mais do que positivo que os representantes diplomáticos dos monopolistas (no caso os frigoríficos Armour, Wilson, Swift e Anglo) não hesitaram em "chamar às falas" o sr. Horácio Lafer, ministro do Exterior, lembrando que o Brasil não poderia contar com a "boa vontade" dos Estados Unidos e da Inglaterra se se concretizasse a intervenção contra seus protegidos.

Também o coronel Danilo Nunes, transformado por um passe de mágica em economista e grande defensor da "iniciativa privada", foi convido imediatamente para colocar o mecanismo da Comissão Coordenadora do Abastecimento, da qual é diretor, para torpedear os esforços do presidente da COFAP. Na última hora, os frigoríficos de São Paulo mandaram para o Rio quantidade de carne suficiente para o

consumo racionado de alguns dias e o general Ururui retirou o seu ultimatum.

PORQUE É NECESSÁRIA A NACIONALIZAÇÃO

A necessidade da nacionalização dos frigoríficos vem sendo defendida pelos técnicos nacionalistas há muito tempo. Durante uma das maiores crises, em 1954, o comandante da Polícia Militar de São Paulo, convencido de que era inútil continuar prendendo açougueiros pois os maiores responsáveis pelo problema eram os frigoríficos, pediu carta branca ao então governador Jânio Quadros, comprometendo-se a resolver a crise em poucos dias. A resposta do entreguista Jânio veio no dia seguinte, afastando o comandante de seu posto.

O que o governo sempre soube, mas que só os nacionalistas denunciaram, é que os frigoríficos, embora só tenham concessão para explorar a industrialização da carne, engordam em suas invernações 40% do gado abatido. Além disso, diante do atraso de nossa pecuária e da falta de assistência técnica e financeira, controlam outra parte considerável do gado graças aos empréstimos a que os pequenos produtores têm que recorrer. Dessa maneira, conservam os preços pagos ao produtor em nível muito baixo,

impedindo o crescimento e a melhoria da produção.

EXPLORAM O PRODUTOR E O CONSUMIDOR

Comprando o boi a preços baixos, os frigoríficos estão em condições de vender a carne também por preços relativamente baixos, melhorando a situação do consumidor. Entretanto, como eles controlam mais de 70% da carne vendida aos atacadistas e retalhistas dos grandes centros, forçam os preços que querem. É por isso que o preço da carne aumentou quase trinta vezes de 1937 até hoje.

Os matadouros municipais, que poderiam fazer concorrência aos frigoríficos, contribuindo para aumentar os preços pagos ao produtor, ou diminuir os preços pagos pelo consumidor, não estão aparelhados para aproveitar todos os produtos e subprodutos do boi. Dêsse modo, não podem pagar mais do que os grandes frigoríficos estrangeiros, e os produtores preferem vender para os trustes.

O BOI EXISTE

O coronel Pedro Rodrigues da Silva, interventor da COFAP em São Paulo, percorreu o interior do Estado e parte de Mato Grosso, comprovando a existência de grande número de cabeças de boi gordo, em condições de ser abatido. As boiadas pertencem aos frigoríficos estrangeiros, ou a agentes e freqüentes deles. Apesar de ainda não ter terminado o período da entressafra, que vai até novembro, não há motivo para o regime de racionamento que os frigoríficos realizam para conseguir o aumento ou a liberação da carne antes do início da próxima safra. Para mostrar que não há falta de boi basta assinalar toda vez que os frigoríficos são ameaçados a carne aparece. Além disso, a concessão aos frigoríficos para que explorem o abastecimento de carne contém cláusulas que obrigam a manter normal o abastecimento e a guardar gado para o período de entre-safra. Dêsse modo, a cantilena sobre a necessidade de defender a "iniciativa privada" não passa de máscara para evitar que sejam postos em perigo os lucros e a posição monopolista dos frigoríficos.

APOIO DA UNE

Em nota distribuída à imprensa, a União Nacional dos Estudantes se solidariza com as medidas de intervenção nos frigoríficos determinadas pelo governo e repete a pressão das embaixadas estrangeiras, sabendo o seguinte: "O que exige a nação e a inteira consecução da iniciativa. Prossiga-se na intervenção militar até o povo ter carne em seus lares, a um preço compatível com o poder aquisitivo do trabalhador nacional. Não recue o governo diante dos grupos poderosos, entre os quais se destacam, agora, como intrínsecos porta-vozes, exercendo coação sobre o nosso Ministério das Relações Exteriores, os chefes das legações diplomáticas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha em nosso país".

O QUE DIZ O CONTRATO

Tem toda razão a solicitação de esclarecimentos feita pelo governador à empresa norte-americana. Efetivamente, reza a cláusula de número 21 do contrato de concessão firmado com o Estado:

"A concessionária poderá, também, mantida entretanto a sua responsabilidade para todos os efeitos desta concessão, utilizar-se de energia elétrica de terceiros por estes fornecida para iluminação pública e particular (...). Se a concessionária aproveitar-se do direito de se suprir de energia elétrica de terceiros para a iluminação pública, se obrigará a construir e entregar ao Governo, no fim do prazo da concessão, uma usina em condições de produzir a necessária e suficiente energia elétrica para iluminação pública, etc."

INDIGNAÇÃO NA CIDADE

Prova de que está caracterizada a responsabilidade da empresa imperialista no acontecido é a enérgica nota divulgada pelo conservador "Jornal do Comércio", sob o título "Incêndio e Inépcia". Diz, a certa altura: "A Pernambuco Tramways, enquanto isto, prepara o seu legado fúnebre ao Estado: uma sucata imprévisível, que ante a falta de fiscalização das autoridades, lhes será entregue em condições cada vez mais precárias. A estação subsidiária, condição imposta à concessionária para o bom cumprimento de suas obrigações, não existe".

Dêsse modo, foi preciso que houvesse ocorrido tal acidente para que se viesse a saber, por informação do governador do Estado, que repartições federais, à revelia do Governo e do povo de Pernambuco, estão preparando o caminho para assegurar a renovação do contrato da Tramways, que termina em 1962. Para os reincidentes, a não renovação dêsse contrato é ponto pacífico, mas o que acaba de suceder mostra claramente que essa legítima sentença não será alcançada pelo poderosa camarada popular.

DEZ ANOS

Em dez anos, milhões de homens não conseguem construir o seu próprio lar. Não conseguem criar para as suas famílias a segurança do presente, quanto mais a do futuro. Não conseguem criar as condições dentro das quais possam satisfazer suas necessidades básicas. Em dez anos muitos prédios não chegam a ser construídos. Nem ruas. Nem cidades. E quem poderá afirmar que conquista a sua própria felicidade, em dez anos? Por isso, os olhos do mundo se voltam comovidos para a China Popular, que em dez anos de revolução, de trabalho, de educação, de sacrifícios, de sonhos realizados numa planificação diária, construiu uma vida nova para seiscentos milhões de habitantes. Foram barragens de rios, que antes levavam de roldão campos e camponeses, casas e moradores. Foi a indústria pesada. Foi o aço. Foram as máquinas. Foram as escolas. As fazendas coletivas. Foi a libertação de velhos preconceitos através do reconhecimento dos direitos da mulher na família e na sociedade. Em dez anos foram enterrados séculos de exploração e sobre as lajes daqueles séculos construída uma outra vida. A vida que desceu das montanhas para os vales, do campo para as cidades. De aldeia em aldeia, com os guerrilheiros, com os soldados do 8º Exército, com o povo, na Guerra da Resistência. E as meninas, agora, têm os pés livres, para caminharem até as portas das escolas. E os homens deixaram de carregar os turistas curiosos. Mas o que nos comove, particularmente, nestes dez anos, é o carinho, são os cuidados dispensados às crianças. Onde estão aquelas crianças que esperavam o prato de sopa, nas portas das missões? São passados dez anos sobre a humilhação, a miséria, o vício, a caridade. Hoje, as crianças não precisam da sopa das missões religiosas. Não têm tempo de se postarem diante das casas dos missionários. Estão muito ocupadas: aprendem o que desejam. E queiram ou não os inimigos do socialismo, em apenas, um decênio, a China Popular vem realizando não somente os sonhos de seu povo, mas os velhos e os novos sonhos de toda a humanidade.

ANA MONTENEGRO

120 Mil Marítimos Cansados De Esperar Marcam Prazo: Greve

Cerca de 80 reivindicações vêm sendo pleiteadas há longo tempo pelos marítimos. Trata-se, em sua maioria, de direitos já conquistados, mas que vêm sendo negados, tanto pelo Governo como pelas firmas particulares, a os trabalhadores marítimos de diversas categorias profissionais. A proteção indefinida da solução desses problemas levou a que a última reunião do Conselho da Federação Nacional dos Marítimos, que congrega mais de 120 mil trabalhadores, decidisse dar um prazo ao Governo, até o dia 11 de novembro, para que atenda às suas reivindicações, caso contrário entrarão em greve como sinal de protesto.

ASSEMBLÉIAS

Para que toda a corporação tome conhecimento da importante resolução do Conselho, e se manifeste sobre ela, estão se realizando assembleias gerais em todos os sindicatos marítimos do país. As atas dessas assembleias, segundo ficou deliberado, serão encaminhadas à sede da Federação até o dia 30 do corrente, quando o Conselho deverá voltar a se reunir, a fim de

apreciar o texto das atas e tomar conhecimento de posição dos diversos setores profissionais que compõem a combativa corporação dos trabalhadores do mar.

REIVINDICAÇÕES

Entre as principais reivindicações dos marítimos destacam-se as seguintes: 1) incorporação ao salário do abono provisório de 30%; 2) extensão das quinquênios aos trabalhadores das empresas particulares; 3) pagamento do salário família; 4) reajustamento das etapas; 5) continuação do regime de equiparação salarial entre os marítimos das empresas autárquicas e particulares.

O atendimento das reivindicações pleiteadas pelos trabalhadores do mar está na dependência dos Ministérios do Trabalho, Viação e Obras Públicas, e Fazenda; da Comissão de Marinha Mercante, do IAPM, da Procuradoria Geral da República, e do Sindicato Nacional das Empresas de Navegação Marítima. Da conduta dessas entidades, face às reivindicações dos trabalhadores, segundo declarou o sr. Thaumaturgo da Silva Gato, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, dependerá a paralisação ou não dos transportes marítimos e fluviais, em todo o território nacional, a partir de 11 de novembro.

IAPI CONSTRÓI PARA RICOS

SAO PAULO (Da Sucursal) — No dia 25 de setembro último encerraram-se as inscrições para locação dos apartamentos do IAPI, situados na Rua Catarina Branda, 479, no bairro da Moóca, em São Paulo. Milhares de trabalhadores, na esperança de resolver seu problema de habitação, correram aos guichês da autarquia. Mas uma surpresa chocante lhes estava reservada: as casas só seriam cedidas ao trabalhador cuja média de salários, nos últimos 24 meses, tivesse atingido a Cr\$ 8.500,00 mensais. Essa discriminação do IAPI jogou por terra as pretensões da maioria esmagadora dos operários paulistas cujos salários não vão além de 6 mil cruzeiros mensais, e que por isso não puderam se habilitar a alugar as casas do IAPI, reservadas apenas para um pequeno número de contribuintes.

RECIFE SEM LUZ E SEM FORÇA

CID SAMPAIO RESPONSABILIZA TRAMWAYS POR NEGLIGÊNCIA

Apanhada em flagrante por não cumprir uma das cláusulas do contrato de concessão, a filial do truste americano procura eximir-se de culpa, em nota mentirosa ao público — Reportagem de HIRAM PEREIRA

neste Estado, a Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd., comunica aos senhores consumidores que a interrupção no suprimento de energia elétrica a esta Capital, entre as 10,52 horas de ontem, dia 29-9 e 02,10 horas de hoje, foi devida a uma falha na linha de transmissão da Cia. Hidroelétrica do S. Francisco.

"Nenhuma anormalidade ocorreu no seu sistema de distribuição, o qual se encontra em perfeitas condições de continuar oferecendo aos senhores consumidores o serviço normalmente prestado. Recife, 30 de setembro de 1959. A Administração."

GOVERNADOR PÔE OS PONTOS NOS II

Entretanto, as coisas não são exatamente como dese-

ria que fossem a empresa imperialista. É bastante elucidativo este ofício enviado à companhia pelo governador do Estado, sr. Cid Sampaio:

"Ilmo. Sr. Superintendente da Pernambuco Tramways and Co. Ltd. — Nesta Tendo em vista a falta de energia elétrica nesta Capital, por mais de 12 (doze) horas seguidas, ocorrida ontem, erlando ao Estado dificuldades de toda ordem, indago o seguinte:

Qual a razão pela qual a Pernambuco Tramways não pôs em funcionamento sua estação térmica, para casos de emergência, quando a CHESF deixou de fornecer o suprimento primário de energia de que é encarregada?

Saudações. Cid Sampaio, governador do Estado."

CARTA DO SERTÃO

ZÉ PRAXÉDI — o poeta vaqueiro

Laje-seca de seu Termo, Cumpade Mané Nastaço: Ti dô nutiças d'aqui Nessa carta qui li faço.

Pur fartá chuva e dinhêro O Norte tá terra morta. Nas rua num tem mais fêra, Voce vê nessas rebêra Um pidinte im cada porta.

O doutô José Gouveia Era o pai dessa pobreza. Bastava a gente tê fome Se ia lá na certeza De se trazê quarquê coisa Qui sobrava im sua mesa.

Mandava casá os pobe E batísá os cristião. No domingo im casa dêle Se juntava um bataião De gente das redondeza: Os infiliz, a pobreza, Iam lá pidi o pão.

Parecia sê terra nossa As terra de Zé Gouveia. Se trabalhava de terça Adonê os outo é de meia.

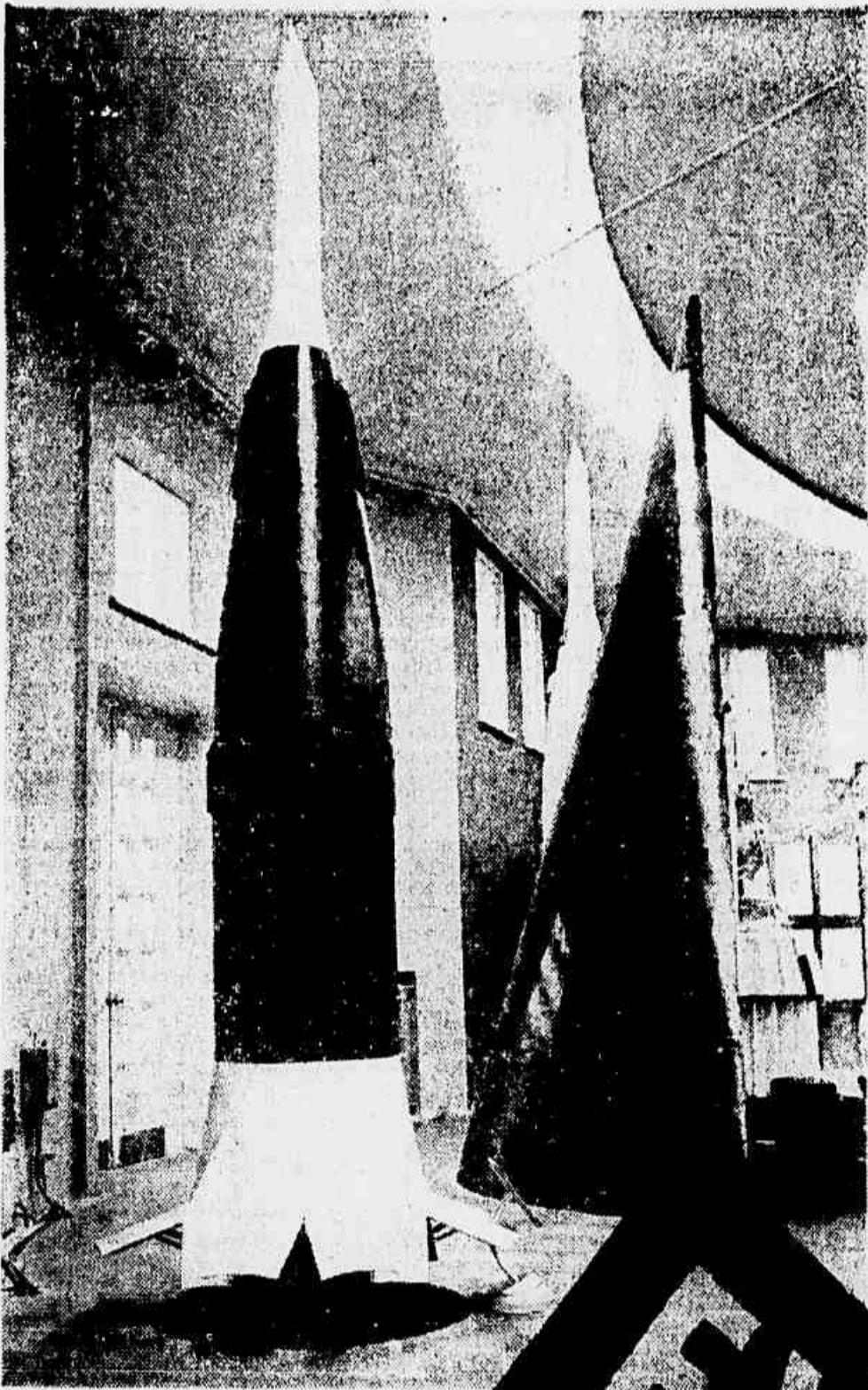
Se o Brasil tivesse duzas De homes daquela ispeça, Ninguém passava mais fome Num'a terra coma essa

Trazia da capitá Farinha, mio, feijão, E alegue e discançado Mandava vendê fiado A toda população.

Tinha iscola na fazenda Prus fi dos pobe aprendê. Curava os duente todos Sem dinhêro arrecebê. Matava um boi pur semana Pá pobreza fornecê.

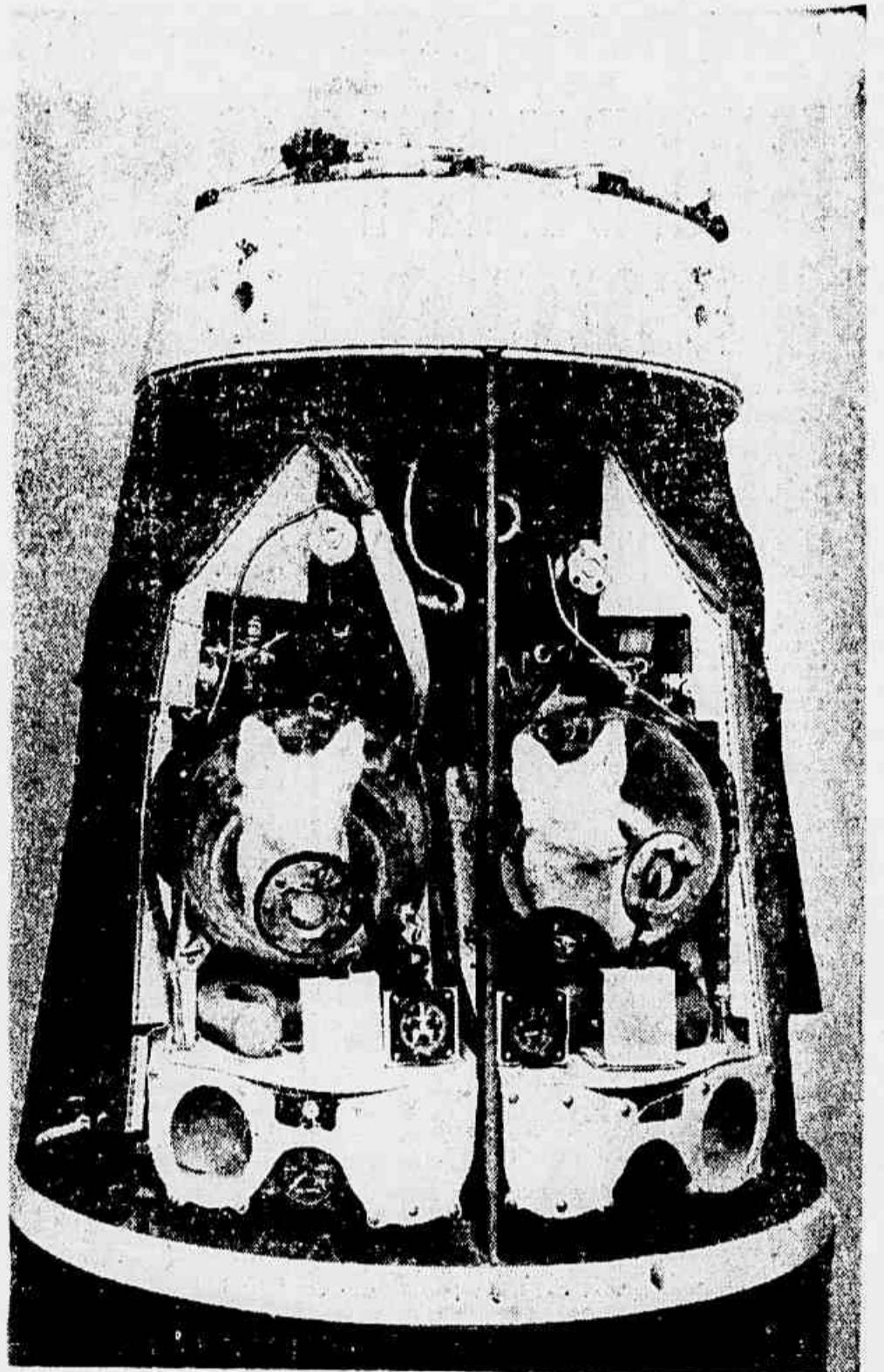
Num sei pruke a puliça Num laigava sua pista. O doutô viu-se forçado Mudá de ponto-de-vista. Os coroné das ardeia Diziam qui Zé Gouveia Era um puro cumunista.

Na nossa terra madrasta O qui é bom já num dura. Abençoi meu afiado: Cumpade Mané Ventura.



Não se pode qualificar senão como vertiginoso o progresso da ciência e da técnica soviéticas na conquista do espaço sideral. Em menos de dois anos — desde o lançamento do primeiro satélite artificial da Terra, a 4 de outubro de 1957 — objetos feitos pela mão dos homens que construíram o socialismo ultrapassaram a Lua e a atingiram e, agora, uma estação interplanetária circunda o satélite natural, retornando aos espaços do nosso planeta!

Os fatos têm mostrado que os cientistas da União Soviética, prosseguem com seus projetos ambiciosos. Nesta página, NOVOS RUMOS tem oportunidade de mostrar aos seus leitores os cães «Kozlavka» e «Otvajnaia» (foto de baixo à esquerda) e outro cão (que a foto, também da Agência TASS, limita-se a chamar de «Viajante do espaço», em baixo à direita). Estes animais estão sendo intensamente treinados para serem enviados à Lua dentro de muito pouco tempo, possivelmente dentro de meses ou de dias. Fixem-se nêles os leitores, pois em breve estarão no noticiário das agências telegráficas. Eles precederão o homem e de seres humanos, um velho companheiro da Terra e que os cientistas soviéticos...



Soviéticos prepararam o Vôo Do Homem à Lua



go publicado esta semana no jornal «Sovetskaja Rossiia» pelo acadêmico A. Sternfeld, Prêmio Internacional de Astronáutica. O envio de cães a grandes altitudes, que os cientistas soviéticos vêm realizando há anos, tem fornecido informações valiosas e de importância decisiva para a preparação do vôo do próprio homem. Tanto os animais enviados em foguetes geofísicos, como nos satélites artificiais, têm proporcionado elementos a respeito da maneira pela qual seres vivos adaptam-se às inusitadas condições videntes no Cosmo. Em laboratórios especiais, esses autênticos pioneiros da astronáutica são submetidos a uma série de provas: suportam um barulho ensurdecedor, o terrível ritmo da aceleração etc. Alguns deles, veteranos dos altos vôos, passam como se nada tivesse havido: comportam-se como antes, reproduzem-se normalmente, enfim, mostram que o caminho está quase aberto ao homem, conquistador do universo. As outras fotos desta página reproduzem o foguete A-3, capaz de conduzir 1.520 quilos de aparelhamento (à esquerda) e um dispositivo de foguete cósmico para alojar seres vivos nos vôos a grandes altitudes (à direita).

